

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO REGO MONTEIRO

SUMÁRIO

— Um perfil do Marquês de Pombal, Nilo Pereira. — A Fortaleza de São Jorge, Theodoro Kadletz. — Quando há lua no fim do ano, Ademar Vidal. — Museu da Poesia, Willy Lewin. — Uma tendência ao idealismo político, Cleodon Fonseca. — Seleção Profissional, Silvino Lyra. — 1.º Congresso dos Comerciantes, conferência de Luis Augusto do Rego Monteiro. — O fundamento teórico do Serviço Social, Antonio Bezerra Ballar. — Novos destinos para a Imprensa Católica, Antonio Toscano. — U'a triste manhã, Breno Accioly. — Poesia Sulamericana, V. do R. Monteiro. — Manoilescu Jorge Abrantes. — S. O. S., Mário Souto Mayor. — Poemas de: Léo Ivo, Aluizio Medeiros, Cláudio Tuiuti Tavares, Benedito Coutinho deira, Haydn Goulart, Alyaro Silveira, Gildo Dantas, Menelik Luna, Américo Torres Bande Las Casas, Francisquez Gusman, V. do R. Monteiro, Notas.

Redação:

RUA DO BCM JESUS, 207 — 2.º

RECIFE



CALVARIO, pintura de Jeovanni Boccati da Camerino (1445-1480) discípulo de Lorenzo Salimbeni da Sanseryino. Várias obras deste artista se acham na Galeria de Perugia. Um políptico na Igreja de S. Eustachio, Belforte. Outras no Museu de Budapest, e este magnífico Calvário na Galeria P. L. em New York.



ADORAÇÃO DOS PASTORES

PINTURA

MONTEIRO



GRANDES MOINHOS DO BRASIL

S. A.

MOINHO RECIFE

EXPEDIENTE

RENOVAÇÃO - Orgão de Ação Educacional Proletária.

DIREÇÃO DE EDGAR FERNANDES E VICENTE DO REGO MONTEIRO

REDAÇÃO: *Rua do Bom-Jesús, 207-2.º Recife Pernambuco*

NUMERO AVULSO 1\$000
NUMERO ATRAZADO 2\$000
ASSINATURA PARA 24 NUMEROS:
NA CAPITAL 30\$000
NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000
As assinaturas são pagas adiantadamente.

Os originais literários enviados a **RENOVAÇÃO** não serão devolvidos, ainda que não publicados

SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

- ADEMAR VIDAL. -- R. das Trincheiras, 554 João Pessoa - Paraíba.
- DEBORA DO R. MONTEIRO - Rua Almirante Alexandrino, 663 - St. Tereza - Rio de Janeiro.
- DALMO BELFORT DE MATTOS -- Rua Desembargador Valle, 453 - São Paulo.
- CRESO TEIXEIRA -- Avenida Deodoro, 418 Natal - Rio Grande do Norte.

MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia.
EXPORTADORES DE
CAFÉ —
ALGODÃO —
MAMONA, Etc.
RUA DE SÃO JOÃO, 531 (Sobrado)
Recife — Pernambuco

A Industria pernambucana apresenta no MOINHO RECIFE um dos seus melhores centros de trabalho; uma importante organização industrial que honra e solidifica o nosso Estado.

O MOINHO RECIFE eleva-se por traz dos armazens das Dócas do Porto, à Avenida Alfredo Lisbôa, num importante e vasto edificio de 7 andares, todo construido em cimento armado — obra de valor da engenharia moderna — e dispõe de magnifica aparelhagem operatriz toda de procedencia norte-americana, fornecida pela casa Charlmers Manufacturing C.º Inc., de Milwaukee, Wis U. S. A.

TEM 24 silos, podendo armazenar em cada um 350 toneladas de trigo em grão.

O majestoso edificio está ligado ao porto por uma ponte aerea, tambem de cimento armado, na qual corre uma esteira transportadora de trigo e que serve ainda para transportar os produtos da grande indústria pernambucana às embarcações que os conduzem para os outros pórtos do país.

COMEÇOU a funcionar em Janeiro de 1920, produzindo diariamente 3.000 sacos de farinha de trigo, de 50 quilos, e 1.500, de farelo, de 35 quilos.

OCUPA uma área de 106 metros de comprimento por 35 de largura.

OS auxiliares e operários do acreditado estabelecimento industrial são segurados contra acidentes na Seguradora Indústria e Comércio.

CONTRA os riscos de incendio o MOINHO RECIFE está aparelhado de uma perfeita instalação "SPRINKLERS" dos sistema "GRINELL", que, ao contacto da mão do homem ou automaticamente, funciona em todo o edificio desde que a temperatura se eleve de 60.º grãos centigrados.

EIS em suma o que é essa soberba organização social, cujos produtos não encontram similares no mercado do país.

COLEÇÃO POESIA

LIRISMO TELEGRAFICO

Acaba de sair do prelo o primeiro volume da "Coleção Poesia" da Editora Renovação, POEMAS DE BOLSO, de Vicente do Rego Monteiro, o qual será seguido brevemente por MUSEU DA POESIA, Willy Lewin. — PEDRA DO SONO, João Cabral de Melo Neto. — POEMAS DE JANEIRO, Antonio Rangel Bandeira. — CREPÚSCULO CIVIL, Lêdo Ivo. — MEUS ÚLTIMOS POEMAS, Odorico Tavares. — CONTINENTE MONÓTONO, José Guimarães de Araujo. — ANDRÓMEDA, Caio de Souza Leão. — PRIMEIROS POEMAS, Cláudio Tuiuti Tavares. — JOGOS PROLETÁRIOS, V. do R. Monteiro e Edgar Fernandes. — TERNURA INFINITA, Elba Coelho.

Damos abaixo u'a apreciação feita pelo crítico da "Secção Livros e Folhetos", do *Diário de Pernambuco*, em 22-1-41.

LIVROS E FOLHETOS

Poemas de Bolso. — Vicente do Rego Monteiro. — Editora Renovação. — Recife. — 1941.

O pintor pernambucano Vicente do Rego Monteiro acaba de publicar o seu primeiro livro de versos, intitulado *Poemas de Bolso*. É uma aventura de quem sendo um artista inteiramente identificado com as formas e com as cores — pois o a. é um dos maiores pintores do Brasil — procura ingressar nos mistérios da poesia.

Os seus vinte e seis pequenos poemas, muitos em francês, lembram mesmo que o autor é um homem às voltas com volumes e formas geométricas, que caracterizam muitas de suas pinturas. E o caso do *Poema cilíndrico em espiral*. Ou então de outros versos que se revestem dos motivos mais ousados da vida quotidiana como rádio, o cinema, a aviação que aparentemente sem nenhuma poesia (só aparentemente) podem alcançar os mais interessantes e inesperados efeitos, como em *Minha onda era muito curta para você*, *Ligações Transatlânticas*, *S. O. S.*, etc. O que lembra mais uma vez a pintura do autor, que consegue resultados maravilhosos nos seus quadros com os assuntos modernos, mas mesmo assim de uma pureza primitiva, como no *Tennis*, por exemplo. Ora, os poemas apenas "lembram" os quadros, pois a superioridade dos últimos sobre os primeiros é muito grande. E que o poeta se revelou há muito tempo através dos motivos pictóricos, enquanto pela palavra escrita agora que se inicia.

Os *Poemas de Bolso* devem ser recebidos com a maior simpatia pelos meios intelectuais uma vez que proveem de um temperamento cem por cento artístico. Si revelam certas maneiras ousadas de versejar ou mesmo assuntos aparentemente anti-poéticos, é que são tratados por um espírito perfeitamente identificado com as mais modernas escolas artísticas da França, de onde veio como um participante direto. Blaise, Cendras e Geo Charles também usaram tais formas e tais assuntos, nem por isso deixando de realizar uma poesia revestida da maior beleza.

Os poemas de Monteiro — suas primeiras tentativas de poesia-versos, já que seus quadros são realizações definitivas de poesia-pintura — vez por outra, conseguem mostrar através da rigidez de muitos termos e do "intencional" da "poesia instantânea", um lirismo um tanto violento, mas sem dúvida nenhuma, sempre lirismo como o *Elégie pour un aviateur mort*.

O volume, que inicia uma coleção de Poesia de autores do Nordeste, está bem apresentado e traz uma excelente madeira com a cara do autor, talhada por ele mesmo. — O. T.

LEDO IVO

A última informação de United Press acusa o afundamento de belonaves alemãs e o desaparecimento de Adriana

que estava no coração das batalhas e agora desapareceu muito cuidado oh impenetráveis à poesia porque Adriana [pode invadir vossas almas

emperdernidas muito cuidado oh simpatizantes das ditaduras muito cuidado oh todos vós que pensais ser a poesia pura [abstração

Adriana está camouflada em vossos espíritos e um dia não suportará o vazio de vossos pensamentos [e procurará a sabedoria incalculavel do lirismo

também um aviador não regressou com seu aparelho à base

êle levava uma flôr no peito e a destreza de suas mãos cresceu no momento da des-

pedida consigo mesmo porém não impediu que se precipitasse ao sólo

uma estrêla velou os destróços durante uma noite inteira mas os aviões que procuravam o desaparecido julgaram que fosse apenas uma abstração a presença da estrêla

muito cuidado oh impenetráveis à poesia estais em perigo de fusilamento do espírito

o recenseamento poético indicará vossa capacidade de [sentir a verdade pairando

sobre as fronteiras humanas

o último telegrama da Agência Havas informa que [Adriana foi a única sobrevivente dum discutido naufrágio

o que prova ser a poesia fiutuante e imperecível.

USE

Camisas bem feitas

E PARA ISTO

COMPRE-AS NA

CAMISARIA ESPECIAL

Rua Duque de Caxias, 231/235

S E L E Ç Ã O P R O F I S S I O N A L

S I L V I N O L Y R A

MODERNAMENTE, o critério científico se fez sentir no campo do trabalho.

Nas fábricas se aplicaram os métodos racionais do trabalho, visando uma maior produtividade do operário.

Talvez, o reflexo da ansiedade capitalista dos trusts para aquisição do máximo de rendimento do trabalhador com o mínimo de salário, em contraposição ao intento do proletário na visão do mínimo de esforço para o máximo de remuneração, fez assumir gigantescas proporções a luta de classe, e provocou as grèves e lock outs, sem o menor benefício para qualquer das partes.

Os sistemas de Taylor, Fayol, a Psicotecnia e tantos outros, analisam os movimentos do produtor o tempo de sua produtividade, o seu estado orgânico e psicalógico e a seleção profissional pelo estudo de tendências e aptidões, tornou-se necessária ao dinamismo do século XX, ainda eivado do espírito de competição do século da livre concorrência, de super produção e do desemprego.

O estudo das possibilidades de produção, capacidade de trabalho, tendência e aptidões do operário, veio de interessar as indústrias, mormente quando o salário tornado mercadoria, teria de sofrer as oscilações da lei da oferta e da procura.

Por outro lado, a escolha de trabalhadores especializados e bons produtores, gente capaz enfim, com o auxílio dos sistemas de racionalização tornou-se deveras proveitoso para o capitalismo, porque aí se tornou possível o máximo de produtividade com um mínimo de despesas.

Operou-se, assim, uma verdadeira revolução no campo da economia. E a economia nova, adotando o que de proveitoso havia nos novos sistemas, usou o fundamento da economia clássica, transformando-o como um verdadeiro princípio dos novos métodos de racionalização. E com aplicação absolutamente científica para objetividade do mínimo esforço para o máximo de rendimento, outros princípios foram executados, como o da economicidade, lei do ritmo e da intensificação.

Comtudo, tal porém não somente se evidenciou nas grandes concentrações econômicas, porque os sindicatos, na sua manifestação primeira, ou seja a luta e o espírito reacionário, usaram dos meios que acima denunciamos, e para combate destes, os govênos foram obrigados a ceder um pouco.

E em muitos paizes verdadeiras transformações se operaram. Na Italia adotou-se um sindicalismo subordinado e órgão de direito público. Na Alemanha, na constituição de Weimar, ainda revolucionário, que foi sucedido por uma forma constitucional de governo de trabalho entrosando empeza e operário na frente nacional do trabalho, projetando, em consequência, uma verdadeira unidade entre o Estado e os produtores. (Constituição Alemã)

Nêste último país, em beneficio do carater economico-guerreiro do estado, foi a racionalização aplicada para fins estatais.

Na Italia, tambem, o contrato coletivo de trabalho celebrado pelos sindicatos como pessoas jurídicas junto às emprêsas, impoz de certa maneira a seleção profissional no ambiente sindical, a qual se realiza pelos meios já vistos em capítulo precedente.

Os resultados oriundos dessa prática nos meios sindicais, são intensos sobretudo para o próprio Estado. A nação contará com verdadeiros técnicos.

Na península itálica, desde a puerícia, como vimos, as escolas técnico-profissionais, os litorais de trabalho e os fâscios juvenis, além do Dopolavoro e dos grêmios culturais e sindicais, exercem essa grande tarefa de preparar a mocidade à vida.

Êsse aspecto do movimento interior do sindicato, marcou um verdadeiro cheque mate, nos meios setários do capital. Êste, empregado na produção, sobressae a emprêsa como um elemento de utilidade social e cujo fim não pôde ser desvirtuado.

Na organização sindical corporativa, ressalta, sobretudo, um aspecto assás interessante — a formação dos grupos por categorias profissionais homogêneas, assegurando um mais intenso grau de solidariedade humana, que a própria profissão e seus azares, estreita.

Além dêsse aspecto profundamente solidarista e cristão, a organização sindical unitária e orgânica, corporativa por excelência, assenta sobre bases sólidas, projetando até mesmo na sua ação de seleção e orientação profissionais de seus elementos constituidores, os seus aspectos ético-cultural e econômico.

A seleção e orientação profissionais no corporativismo integral estudando o homem como fator de produção, olha-o de uma maneira total, de vez que o próprio espírito cristão que a orienta, impoz-lhe a concepção do trabalho, como uma determinação superior, divina mesmo. Na sua manifestação prática, visa de modo imediato o estudo fisico psicológico do trabalhador, como já tivemos ocasião de expor. Estuda as possibilidades do organismo de cada elemento humano de trabalho em relação à tarefa, o meio mecânico, o ambiente de trabalho, evitando no primeiro caso o esgotamento, a sumenage.

Sob o ponto de vista psicológico, indaga a tendência, orientando o homem às diversas profissões peias suas próprias inclinações.

Emprega os métodos de psicologia experimental dos tests, inqueritos e outros de laboratório, sob um alto escôpo de pedagogia científica.

Êsse aspecto seletivo e orientador do Sindicato, é assás importante. Crêa, deveras, um intenso amôr profissional decorrente da própria inclinação do operário pela profissão que abraçou.

E sob o ponto de vista econômico toma vulto a capacidade profissional, realizando verdadeiros técnicos, enquanto o amôr à profissão aperçoa a obra.

De logo se evidencia um intenso sentido cristão no seu desenrolar. A profissão torna-se quasi que um sa-

cerdocio. E a formação espiritual e moral como força dinamizadora do pensamento sindical corporativo, harmoniza-se com o caráter eminentemente técnico e puramente lógico do Sindicato, evitando a sua estagnação e morte.

No Brasil, existe, por enquanto, apenas um espírito associativo. É preciso dizer que não é ainda uma mentalidade grupalista integral, dentro dos princípios da sábia política da Democracia social, que é a organização sindical corporativa. (1)

A nossa organização estatal, na parte normativa quanto aos sindicatos, expressa particular carinho ao estudo técnico profissional e focaliza como uma das funções especiais deles, manter escolas, especialmente de aprendizagem. (2) Prevê, também, nas disposições estatutárias, nos títulos de orçamento de despesas, o emprego de capitais no ensino técnico profissional. (3)

Somos em favor dos que proclamam a universalidade do pensamento. Efetivamente o espírito não tem fronteiras. O pensamento não é um departamento tanque.

Assim, há uma natural similitude entre muitas organizações perfeitas do ocidente europeu e a nossa organização social-trabalhista. Na declaração XXIV do Código do Trabalho Italiano, está explícito que as "organizações sindicais se obrigam a uma ação seletiva de seus elementos, desenvolvendo a sua capacidade de trabalho e moralidade. (4) E tal similitude, pelo menos na forma, se dá, também, com a organização portuguesa e esta, apesar de serem as corporações lúzitanas mais amplas.

Os grêmios, em Portugal, são verdadeiros organismos corporativos e exercem a intensificação de harmonia nos dois campos da produção, sem se esquecerem do setor técnico que ora estudamos.

É Marcelo Caetano, um dos maiores teorizadores do corporativismo português, que nos diz estas palavras: nêles "se personificam os interesses de uma categoria econômica, mas de toda categoria representada pelas empresas, que são unidades funcionais em que se fundem capital, técnica e trabalho na solidariedade um mesmo fim. (5)

O Sindicato não é um fenômeno rural.

No Brasil, no campo, não houve para êle fertilidade.

Em a nossa legislação, não foram lembrados os camponeses.

Todavia, si fossem êles equiparados ao Direito social e em sindicatos se organizassem, maior amplitude se poderia dar à assistência social e educacional do nos so homem do interior, ampliando mesmo as nossas possibilidades na técnica agrícola.

E si assim fôra, poderíamos, ao envez das organizações complementares do corporativismo de além-mar, aproveitarmos organizações nossas tão eficazes, sinão mais eficazes à sua finalidade, como veremos.

Ao envez de DOPOLAVORO, poderíamos organizar a nossa LEGIÃO NACIONAL DO TRABALHO, instituição que reuniria patrões e operários, voluntariamente, na mais franca solidariedade, salvaguardando, por conseguinte, o respeito à pessoa humana.

Os grêmios, também, como organizações mixtas, iniciariam essa finalidade e harmonia, por uma aproximação mais intensa entre o capital e o trabalho.

Quanto à aplicação da seleção e orientação profissionais, na própria organização da juventude brasileira, seria possível realizá-las.

O ESCOTISMO, que denominaremos de AGRICOLA E TÉCNICO PROFISSIONAL, ou melhor, Rural e Urbano ou Sindical, vivendo às suas próprias custas, poderia não somente dar cabo daquela missão, como também levar a efeito uma intensa obra de assistência aos operários de grandes famílias e de salários ínfimos.

E o Sindicato propriamente, dentro de seus aspectos teria cumprido o seu desinteratam.

A formação da juventude operária, a especialização de trabalhadores dos campos e das fábricas capazes de competir com os mais experimentados, o culto da Pátria, a prática das boas ações cristãs, a solidariedade e compreensão das finalidades humanas, de tudo isso, desde cêdo, o filho do trabalhador iria tendo um verdadeiro e profundo conhecimento, fruto exclusivo daquelas organizações.

Estas organizações escoteiras, orientadas num sistema de economia auto-organizada, produzindo o necessário aos seus gastos, poderiam ter economicamente, a mais completa independência.

A exemplo, podemos citar a organização Newton Cavalcanti em Jabotão e, mui particularmente a de Catende, onde vive um núcleo que mantém industrias, escolas profissionais, de alfabetização, alfaiatarias, pomares, hortaliças e outros proventos, que lhe dão a manutenção e estabilidade. Nela vivem cerca de 200 filhos de operários da usina, que se educam para a vida e formam o seu espírito para bem servir a Pátria.

As diversas indústrias se obrigariam em cooperação recíproca a criar organizações dessa natureza, dando-as, em seguida, ao contrôle dos sindicatos das referidas indústrias. Na continuidade do tempo a própria aprendizagem da meninada iria realizando a produção necessária, que, com a colaboração do Estado, seria colocada, assegurando a sua vida.

Desnecessário será salientar que êstes elementos de cooperação sindical, realizariam a seleção e orientação profissionais dos filhos dos operários numa grande finalidade social de amparo à família, porque nenhuma despesa teria o trabalhador que tivesse os seus filhos sob a guarda das referidas organizações.

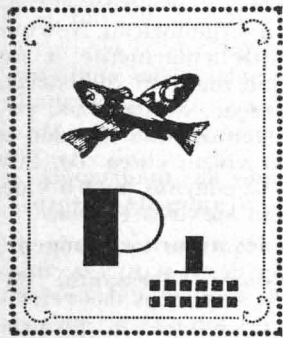
ANOTAÇÕES DE (SELEÇÃO PROFISSIONAL)

- 1) Dizemos Sindical corporativa, porque, para nós, não ha um Corporativismo puro, como é fracasso o Sindicalismo puro. Não ha Corporativismo sem Sindicato. Assim como, o Sindicato tem movimento e fim, harmonia e equilíbrio, no Corporativismo.
- 2) Vide Capitulo 1.º, art. 4.º letra c, do Dec. 1402, de 5/7/39.
- 3) Vide Cap. XIII, art. 49, letra b Dec. 1402 e Portaria S. C. M. n.º 354 de 22/8/40, do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio.
- 4) As associações profissionais de trabalhadores, têm o dever de exercer uma ação seletiva entre os trabalhadores, tendente a desenvolver cada vez mais, sua capacidade técnica e seu valor moral. Vide Benito Mussoline — em ESTADO CORPORATIVO — e Carta del Lavoro.
- 5) Citação de Fernando Campos — Publicista português, em seu artigo A SOLUÇÃO CORPORATIVA — Publicado na Revista do Trabalho n.º 11, ano VII — Novembro de 1939.

QUANDO HA LUA NO FIM DO ANO

A D E M A R V I D A L

(E s p e c i a l p a r a R E N O V A Ç Ã O)



ARA se saber se a próxima estação vai ser boa ou má faz o homem do Nordeste experiências de todo jeito. No sertão há várias formas de conhecimento prévio. Afirma-se com antecipação se haverá chuva, se haverá seca. Essas predições não falham, nunca falham.

Até certo ponto acontece o mesmo com o povo que vive na zona da Mata. O inverno por mais escasso não traz para esta o cortêjo de infelicidades que costuma proporcionar à região sertaneja. Na mata há sempre água em certa abundância e que poderá socorrer às populações necessitadas. Nem porisso o matuto deixa de fazer as suas experiências de Santa Luzia e outras experiências. A mais conhecida e de uma precisão verdadeiramente espantosa, é aquela referente ao fim do ano.

Os festejos de Natal desfrutam um prestígio considerável no ânimo do povo. Todo o seu trabalho duro e sem compensações apenas tem um sentido: participar das festas de fim de ano. Se a safra correr boa, sem maiores complicações, se o preço do açúcar e do algodão atingir posição favorável, não restará dúvida de que o dinheiro não será folgado, mas há-de chegar para comprar uma camisa um vestido de chita e depois ir com a família tomar parte no baile de casamento de algum parente ou de algum amigo. Esses afortunados constituem uma sociedade à parte porque o geral é ficar como está: gente rôta e de pés descalço, olhando o tempo, formando "sereno", mas ainda assim alegre e se mostrando reconciliado com a sorte. Não pode torcê-la conforme deseja. O jeito é aceitá-la e conformar-se, esperando dias melhores.

As festas de Natal são festas do povo. Vai-se à missa do galo, as mulheres gostam muito de ir à missa, fazem tudo para não perdê-la. Já os homens são diferentes: eles preferem ficar no jôgo das barracas que se formam em torno da igreja, no côco animado pelo vinho, brincadeira querida porque não precisa de mulher que nem sempre há para essas danças de requebro e que de comum acabam na faca de ponta. As mulheres estão ouvindo missa, gostam muito do padre e o seu Natal estará ganho desde que tenham cumprido com deveres católicos, pouco se encomodando com qualquer outro divertimento. Fim de ano constitui a melhor oportunidade que se apresenta para um desvio daquele viver igual na sua monotonia quotidiana. Fim de ano encerra todas as esperanças rurais. Os anseios todos são porque ele seja bom e corra sem novidades de sangue. É também quando mais se briga. Que seja portador de venturas e bonanças.

E tudo a depender do inverno. Então se faz a experiência que não engana. O matuto gosa de uma fama injusta, pois é tido como muito bêsta. Nada disso, o homem tem uma sabedoria só inferior ao do sertanejo que é louco por dinheiro, trabalhador e com invejáveis reservas de energia. E como este possui as suas observações de uma certeza matemática que não admite controvérsia: se a lua clareia o Natal e festas de Ano Bom se pode ter esperança de que as chuvas do inverno vindouro vão ser abundantes. Haverá enchentes no rio, a safra andarà em mais felicidade. O contrário, isto é, havendo escuridão, apenas as estrelas cintilando na sua luz escassa, pode-se garantir que os dias que se vão proxivamente viver não serão agradáveis, a terra estará seca, a lavoura vai ficar feia e, portanto, a safra há-de trazer prejuízos para o povo.

Sendo claro o fim de ano é motivo para que gente pobre folgue mais.

POESIA FOTO-PLÁSTICA DE JORGE DE LIMA



LA SIMILI-MÉDUSE VEILLE SUR LA VILLE

(Sur un motif de poesie plastique
de Jorge de Lima)

La simili-méduse à la blonde chevelure symphorisée, veille,
Sur la ville prolétaire qui se réveille.
Elle penche sur la terre ses flexibles rameaux,
Comme la main au cœur de cire des coteaux.
Elle voudrait de sa bouche retenir
L'harmonie des baisers à venir,
L'épave des sombres festins ne saurait lui suffire,
Elle donnerait son cou d'ivoire et tout empire,
Pour posséder dans le creux de sa main, l'immensité
Tendre et sonore où retentit la maternité,
Franc de port, d'emballage et d'enfance.
Les débris d'oreilles sur l'espace immense
Écoutent le son de la lyre qui s'évapore,
Et que l'invisible auditeur voudrait écouter encore,
Puis, détachant un doigt de sa longue chevelure
Le jette à terre aux distraits d'aventure

MONTEIRO (V. do R.)

POEMAS DA ESTRELA DA AURORA

Entre as mãos do poeta vacilaram auroras e madru-
[gadas
Pensamentos adormecidos acordaram sentindo a ale-
[gria de retornarem
O perfume das flôres chegou até tôdos e se confundiu
[como sempre
com o dos corpos misteriosissimos das amadas
A aurora se revelou mágicamente nos horizontes e a
[transfiguração
do céu foi tão grande que comoveu os galos
Que emudeceram até que o dia se fizesse claro e o
poeta soltasse os
ventos que partiram em busca de ritmos
A aurora acordou homens para quem a libertação do
[espírito era o
grande necessário
E acordou meninas que correram pelas aléias como um
[vão precipitado
de lembranças
O dia brotou do coração encantado da madrugada e
[antes de se tornar
mundo clarissimo e lírico foi aurora crivada de
estrêlas indecisas e de rumores incessantes de
grilos violinistas
A lua desapareceu numa penumbra da mata
E a estrêla dalva
A belissima estrêla dos que partem em trens pela au-
[rorra
A magestosa estrêla que se revela no nascimento do dia
A estrêla que eu desejaria furtar para enfeitar os ca-
[belos de Adriana
A extranha estrêla de quem os galos se enamoram per-
[didamente
A fabulosa estrêla matutina e sábia
A tentadora estrêla bailando incerta no alto dos cami-
[nhos e ameaçando
pousar perto das basilicas
A solitária estrêla que ilumina as estradas à aproxima-
[ção do dia
A fulgurante estrêla dalva revelou sua presença ---
Porque os galos enloqueceram desejando seu amôr
E os cães ladraram seduzidos por seu brilho fascinante
Então as mãos do poeta ordenaram o restabelecimento
[do dia e a cons-
tância do lirismo por todos os séculos
E a claridade inundou o mundo e Adriana.

LEDO IVO

ADRIANA E A POESIA

POESIA FOTO-PLÁSTICA DE JORGE DE LIMA

Adriana estava dormindo e um sonho se levantava de
 [seu corpo
 Nêsse momento faltou inspiração aos poetas porque
 tôdas as inspirações estavam em Adriana
 As sereias tentaram em vão roubar os seus cabelos
 Porém um anjo guardião não permitiu que ela fôsse
 destituída de sua beleza durante o sono
 Seus seios arfavam dôcemente como rosas ao vento —
 [tôdos vós sabeis
 que os seios de Adriana não morrem
 Uma sonata célebre fugiu de um concêrto com um
 [suspiro de Adriana
 Dezembargadores tiraram o chapéu porque pensaram
 [em Adriana dormindo
 Ela repousava e então caixas de músicas enlouquece-
 [ram inexplicavelmente
 E as amadas dos poetas se cobriram misteriosamente
 [de neblina —
 Temporais desapareceram e náus antigas fugiram de
 [velhos livros de
 histórias infantís e acordaram nos portos so-
 [nhados
 Um trapezista julgou vêr Adriana com os braços aber-
 [tos tentando-o no
 ar e se precipitou irreparavelmente no vazío
 Incontáveis elegias, descobriram-na dormindo
 O presidente da República decretou feriado porque
 Adriana estava repousando
 Sendo revogadas as disposições em contrário
 Berceuses partiram com maravilhosos crepúsculos
 Países em guerra concordaram em tréguas indetermi-
 [nadas para que as
 batalhas não perturbassem o sono de Adriana
 Que algum tempo depois despertou dôcemente e des-
 [cobriu não estar como
 antes do descanso,
 Pois Cristo havia desapropriado sua grande poesia
 Para que ela pertencesse a tôdos os homens e a tôdos
 [os mágicos.



GÊNESE

Eu e tú, ó amada, viemos da grande montanha silenciosa
 onde se vê o livro de Deus.
 Nossos pés se afundaram nas areias moviças
 e fômos os equilibristas das bolas flutuantes de sabão.
 Viemos dos espaços tristes dos sinos azinhavrados das
 velhas aldeias,
 que bimbam sômente nas festas dos padroeiros.
 Viemos da paz crepuscular que paira sonolenta nos campos,
 da hora em que as margaridas possuem jactos aromáticos
 desconhecidos,
 da hora em que as andorinhas em vôos conjuntivos
 perfuram audaciosas o painel vermelho dos céus.
 Viemos dos vergéis tapetados de flores orvalhadas de or-
 valho eterno
 e nelas as nossas fórmulas ficaram impressas por tempo in-
 determinado
 e os nossos corpos estão cobertos de finíssimas camadas
 elemi.
 Viemos dos papagaios de papel soltados pelas mãos ágeis
 dos mandarins brincalhões,
 de tudo que é efêmero no mundo.
 Nós viemos dos leitos duros dos desgraçados famintos
 e nossos sexos nuptos descansaram nos seus sótões imundos!

FAZEI CIRCULAR O VOSSO SANGUE

Ó vós que viveis nem para explicar nem para esclarecer ou discutir, e que no entanto sois videntes, e que entraís na criação como um organismo cósmico, e brotais das águas remotíssimas e abençoadas que estão invisíveis entre as extensões do Universo, ó edificios erigidos para reinar á imagem de Deus, almas góticas fazei circular o vosso sangue em nossas veias para que sintamos a beleza vertiginosa de todas estas coisas que não podem ser lidas ou estudadas como um livro, mas veneradas.

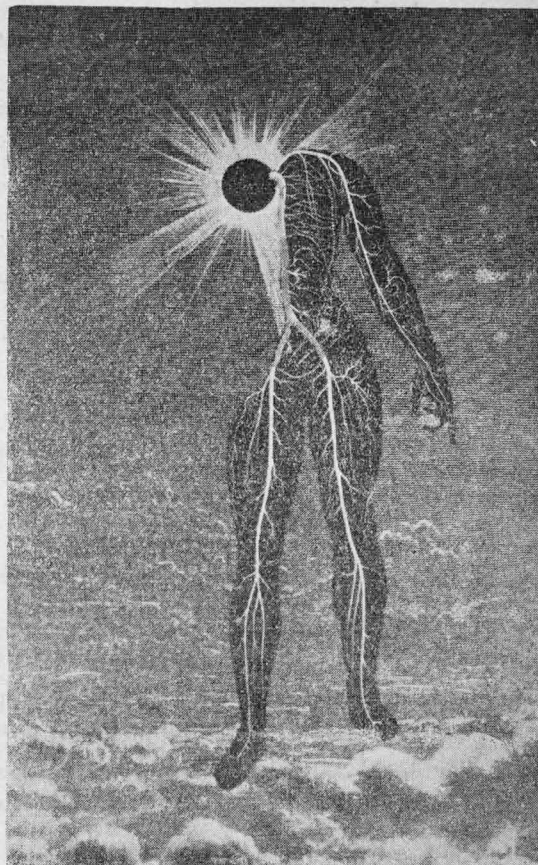
Ó almas carregadas de poesia que com vossos gestos sem adorno e electricos apontais as trevas e que com a vossa presença afastais a estagnação e os maus espiritos, vós que vos desabrochais como uma flôr à aproximação da música, quando então os sons se libertam dos póros da criação e nós ficamos boiando sobre os doces rios da infância, vós sois os transfiguradores de energia e colaborais com Deus na renovação incessante do mundo.

Ó almas que a todo momento vos alimentais dos cinco pães multiplicados desde ha séculos, e recebeis de Deus a fôrça de conduzir o Sol e a Lua, e testemunhais com tudo que está em vós a face d'Aquêlê cuja beleza é milenar e sem tempo, vós sois criaturas santificadas e apaziguareis no fim do mundo e antes da ressurreição da carne a rebelião dos mares.

E se para nós os mistérios são mais mistérios porque estamos abandonados no nada, sob o vosso influxo elles despejam luzes. Nós vos bendizemos.

AMÉRICO DE TORRES BANDEIRA

POESIA FOTO-PLÁSTICA DE JORGE DE LIMA



NO CRUZAMENTO

Os meninos decifram as interpretações dos exegetas
o bonde passa ligeiro, e o guarda de mãos nos bolsos
aguarda algo de diferente ou o inspetor ?
O relógio marca 4 horas, deve estar bem atrazado, pois
é noite e noite fria.
Grandes cavaletes estão parados, enfeando a cobertura
[moderna
e o poeta passa com um livro de pintura.

O RETRATO

Diante do retrato de um homem sábio e uma criança
[o poeta pensou ou viu :
o sábio admirando-se dos pensamentos cândidos e profundos
do anjo e da certeza de suas afirmações
seguiu-o levado por um dos dedos, seguiu-o levado pela
[meiga atração
deste ente ainda não contaminado, de uma
pureza extra-terrena tão diferente.

HAYDN GOULART

MUSEU DA POESIA

WILLY LEWIN

IMAGEM FOTO-POETICA DE JORGE DE LIMA

ENTRE os aplausos vibrantes da multidão maravilhada,
o aeróstato dos irmãos Montgolfier sóbe às núvens na
clara e festiva tarde de domingo.

EIS o misterioso e nababêscó Conde de Monte Cristo !
Ninguém sabe de onde veio. Todos ignoram a sua
[missão.
Os homens detestam-no por instinto. As mulheres
[suspiram por êle.

NUMA clareira do bosque o terrível Rocombôle aguarda
a passagem da diligência. Enquanto isso o Capitão
[Nemo
morto, para o mundo, encerrado no bôjo metálico
do Nautilus, é rei e senhor das maravilhosas regiões
[submarinas

MELIÈS apresenta ao público de Paris a Mulher-Bor-
boleta. Mas o record do êxito é batido pela Viagem
[à Lúa
Bom dia, Cinêma !

Estas são apenas algumas amostras das curiosida-
des existentes no Museu da Poesia.



EQUAÇÃO POÉTICA

Estátuas confabulam nas sombras
virgens andam em bicicletas
e velhos em velocípedes
os pares na treva da noite
são guiados pela luz dos refletores
e os corações amargurados
no bôjo do navio de aço
são transportados para horizontes e mais além
o mágico tira de uma cartola verde
a nostalgia dos homens
e serpentes do bolso do colete
uma bailarina num vértice de um prisma
dansa à lúa extinta
e um pombo azul
pousa na cmoplata atlética do poeta.

ALUIZIO MEDEIROS

S. O. S.

MARIO SOUTO MAYOR

(Especial para RENOVAÇÃO)

ROSARIO FUSCO, que é um dos mais bem intencionados intelectuais que fazem crítica honesta atualmente, num rodapé que escreveu outro dia para um suplemento literário de um jornal não sei si carioca ou paulista, sobre "Modernismo, segunda fase", disse que "se na primeira predominou a poesia, pela extrema facilidade do genero, nesta segunda campeia o romance pela maior facilidade de sucesso que faculta".

Quando Graça Aranha na "Semana de Arte Moderna" em São Paulo, deu o Independencia ou Morte das letras nacionais, mostrando uma exposição de arte moderna, em que tomaram parte nomes que hoje estão vitoriosos, tais como Vila-Lobos, Di Cavalcanti, Anita Malfati, Vicente do Rego Monteiro, Zina Aíta, os irmãos Andrade, o sentimento artistico que habitava a alma brasileira livrou-se das peias que o escravizavam ao tempo. E surgiram nomes não conhecidos de inteligências não divulgadas. Foi uma verdadeira chuva de poetas, de pintores e escultores, e a poesia desenfreada e livre se encontrou ótimos poetas, encontrou também poetas pessos, que não souberam compreender o grito de liberdade de Graça Aranha. Choveu poetas neste país em que todos são vates, onde a tradicional saudade portuguesa orientou os poetas das escolas anteriores. Tem razão o Rosário Fusco em afirmando que estamos na segunda fase do modernismo, fase onde o romance campeia pela facilidade de sucesso que faculta. A cana de assucar, o cacau, a castanha, tiveram, num método literário economico, seus ciclos de romances modernistas neste século em que só se considera romance o que tem fundo ou tese social. E o que aconteceu com a poesia na primeira fase do movimento modernista está acontecendo com o romance nesta segunda fase que é a fase do romance. Está chovendo romances! A poesia não dá dinheiro! Então, faça-se romance, nesta terra abençoada em que si é bardo por herança, poeta por obrigação, tribuno incendiário por determinismo histórico ou por determinismo mesológico, onde a gente nasce á sombra da Cruz. Romancistas do Norte. Romancistas do Sul. De todos os pontos da rosa dos ventos. Chuva de romancistas. Parece que os brasileiros se reuniram e disseram: "Vamos ser romancistas!" E surgiram também os verdadeiros e notaveis romancistas que nós temos, um Erico Verissimo, um Jorge Amado, em "Mar Morto", um Telmo Vergara, em "Estrada Perdida", um Graciliano Ramos, em "Angustia", um José Lins do Rego, em "Banguê" e outros cinco ou seis perdidos por aí afóra. E surgiram Joel Silveira, Luiz Jardim, José Carlos Borges, e outros que estão ressuscitando o conto nacional morto após a morte de Machado de Assis e Lima Barreto, ressuscitando o conto nacional, coisa que os senhores Osvaldo Grico e Ribeiro Couto não souberam fazer, e que a turma moça está fazendo apesar da tremenda invasão de obras estrangeiras de preferencias do pequeno público que temos, devido a pretenciosa fama de alguns romancistas mediocres que não são romancistas nem aqui nem na Abissinia porque escrevem romances com capas imorais afim de atrair rapazes masturbados dos liceus, romances que arrotam pornografia da primeira a última pagina, onde encontramos uma coleção completa dos nomes mais escabrosos, dos costumes mais desonestos, tudo isso porque estamos na segunda fase modernista onde todos são romancistas, conforme acentua o sr. Rosario Fusco numa advertência feliz as tradições literárias brasileiras,

Já que os grandes nomes são em pequeno numero dentre os que realisam romance no Brasil, façamos uma busca no passado, façamos uma devassa nos que desapareceram, afim de suprimos as negações do presente. Quem determina a opinião pública num determinado assunto é a imprensa, está sabido; mas é a literatura que assume toda a responsabilidade pela formação das mentalidades da elite. Urge o momento em que se reedite obras de vulto e é até justissimo que a mocidade tenha o direito, o dever ou a obrigação de conhecer nomes como o de Lima Barreto que segundo Nelson Werneck Sodré e Agripino Grieco é o maior romancista de nossa literatura. Quando a obra de Lima Barreto estiver reeditada não teremos somente um grande romancista mas um grande mestre que servirá de exemplo aos romancistas mirins. E' necessário que se reedite Lima Barreto, não somente o romancista prodigioso mas o contista admiravel de "O Homem que sabia Javanês" (Revista do Brasil n. 27, setembro de 1940, pagina 47). Reeditar Lima Barreto é um dever de gratidão para com o nosso patrimônio intelectual, assim como fiseram com Castro Alves, Machado de Assis, Aluisio de Azevedo e Graça Aranha.

O romance brasileiro está pedindo S. O. S. E' inacreditavel. Mas é.



PEDIDO DE EXPLICAÇÃO NOTURNA

BENEDITO COUTINHO SILVEIRA.

Há qualquer coisa de estranho
que me pede socorro
e me estende as mãos.
Pode ser mulher
ou uma criança muito doente.
Mas sinto que a existência
de algo irreal é angustioso.
Espero que de todos os sombreamentos
parta um s. o. s.
ou um lamurioso canto de consternação
As luzes não tocam no âmbito
das minhas cogitações
e mal chegam às minhas mãos.
Dentro de um quadro surrealista
verifico a presença de uma mancha indefinivel
que me dá a sensação de uma vertigem
e um esquecimento do que poderá acontecer
vindo dessa janela aberta na noite,
Porque será que não descubro
todos esses mistérios
que se condensam nêsse momento
em torno da minha lampada elétrica ?

UM PERFIL DO MARQUÊS DE POMBAL

NILO PEREIRA

(Especial para RENOVAÇÃO)

O livro do Visconde de Carnaxide — *O Brasil na administração pombalina (Economia e Política Externa)* — não deve passar sem uma especial atenção por parte de todos os que se dedicam aos estudos de História; ou mesmo daqueles que, não se dedicando propriamente a esses estudos, por simples amadorismo ou por deveres profissionais, se interessam muito naturalmente pela figura já agora pouco misteriosa do marquês, e pela sua política bem do sabor do chamado despotismo esclarecido. Disse que essa figura é já agora pouco misteriosa e me explico: passados tantos anos sobre a propaganda intensiva que o marquês de Pombal fez de si mesmo oficialmente, antecedendo a essa volúpia de propaganda governamental que permitiu, modernamente, a criação de ministérios para tal fim, é possível haver, depois de pesquisas demoradas, um julgamento sereno, inteligente e verdadeiro. Não é que o marquês houvesse iludido totalmente: certos aspectos da sua administração despótica — a perseguição aos jesuítas, por exemplo — eram suficientes para que o juízo da História, pelo menos para os homens sensatos, estivesse definitivamente feito. Mas, havia muita coisa ainda a elucidar; e enquanto permanecesse certo mistério ou qualquer dúvida, era também muito natural que, de ambos os lados, se levantassem as diatribes e as consagrações, do género daquele ranco tão próprio da polemica de Camilo e do racionalismo histórico de Rui Barbosa. Entre esses dois extremos vacilou por muito tempo o perfil do ministro de D. José: — para uns, o autócrata frio e calculado, o despoja cruel, o diplomata cheio de maldade, o político desleal, o perseguidor dos jesuítas; para outros, o Reformador esclarecido, cuja ação inteligente e tenaz ia desde o comércio do Grão-Pará até às vinhas do Alto-Doiro e à Universidade de Coimbra, onde o seu humanismo racionalista podia encontrar o grande campo de expansão. Não quero dizer que, ainda hoje, a sombra do marquês, apesar de ter adquirido um certo contorno, não possa estar entre esses dois polos, como um judeu errante dos historiadores; mas, com livros como esse do Visconde de Carnaxide, além do de Lúcio de Azevedo, para só citar esses dois, o ministro vai perdendo as côres de uma exaltação sistemática. Parece que se pode afirmar que a sua posição está definida: a sua posição na política, na administração e na economia de Portugal e do Brasil.

Desses três aspectos da vida de Pombal faz o Visconde de Carnaxide um estudo cuja serena objetividade e cuja inteligente argúcia logo se identificam com essa coisa tão inquietante e tão procurada: — a verdade histórica. Para chegar a isso não se arvorou o visconde em nenhum revisor da História, género sentimental que tanto pode dar para enterrar memórias gloriosas quanto para rehabilitar falsos heróis e refinados traidores. A História não é nenhuma exaltação ou, para empregar uma linguagem moderna — nenhum complexo. Certos historiadores deviam estar convencidos de que são apenas polemistas...

A política pombalina, notadamente a política externa, foi a da sutileza e da artimanha. No fundo de tudo isso estava aquele calculado individualismo do marquês, inculcando-se aos olhos do mundo civilizado como o grande estadista do despotismo, o criador mesmo de um feroz naturalismo político com que pretendia separar Portugal da brilhante tradição da hispanidade cristã. Enquanto a sua propaganda oficial,

nervosa e agil, projetava no mundo as maravilhas da sua estesia de reformador, Pombal aguçava a vaidade do rei, mostrando-lhe a grandeza e a prosperidade do reinado a que éle mesmo, inchado de empáfia ministerial, chamava "felicis-



simo". O rei terminou por acreditar nessa "felicidade" que, sobretudo depois do famoso terremoto de Lisboa, atribuía à capacidade de ação e ao talento do seu ministro. Só o povo e as colónias não eram felizes...

O Visconde de Carnaxide fixa aspectos verdadeiramente curiosos da política pombalina, elucidando muitos deles com documentos que a sua tenacidade de historiador revela e que hão de constituir, na sua maioria, surpresas desconcertantes para os apologistas do marquês. Politicamente, Pombal usou de todos os meios para chegar aos seus fins de administrador sagaz e personalista: extinguiu a Companhia de Jesús, para o que usou de todos os processos maquiavélicos e dispendeu somas fabulosas, intrigando com as principais côrtes da Europa a Ordem benemérita, contra a qual assacou infamias hediondas; mandou matar os Tavoras por lhes temer a influência, acrescida pelo prestígio das fortunas dessa tradicional família portuguesa; fez uma política desteal com a Espanha, desdenhando o seu comparsa Grimaldi quando este lhe levou a palma, pela artimanha diplomática, no caso da extinção da Companhia; atrasou, no Brasil, a instrução e a educação, desfigurando o caráter brasileiro e corrompendo o nosso espírito, quando anulou a influência dos jesuítas, admirado talvez do heroísmo e do desinteresse de que todos deram mostra, como nos relata o padre Antonio Paulo Ciriaco Fernandes no seu livro *Missionários Jesuítas no Brasil no tempo de Pombal*, publicado em 1936; misterioso, dissimulado, fazendo com a Inglaterra um jogo-de-empurra, solicitava a aliança inglesa

(Conclue na pag 27)

P O E S I A S U L A M E R I C A N A

GRITO. POEMAS de A. Francisquez Guzman
(Editorial Elite. — Caracas, 1940)

GRITO, o nome é bom. Grito no tempo e no espaço.

Clamor que aos poucos se avoluma em tempestade.
Grito também de mocidade e esperança.

Grito foi colocado sob a égide de uma frase de C. Dickens.

Francisquez Guzman se valeu do pensamento do grande romancista inglês, que moveu toda sua vida uma luta de morte à hipocrisia e ao egoísmo do seu povo, como prefácio de seu livro de poemas.

E não foi por acaso que o poeta reivindicou para si a verdade por cima dos telhados. Há na sua poesia algo do realismo Dickeniano.

São trinta poemas onde a esperança do "Hombre Nuevo" é entrecortada pela "Realidad "al desnudo".

**"Debajo de los puentes
palpita la miseria
y se pasea la muerte
en las cataratas de los desaguaderos".**

Enquanto :

**"El campo ha quedado solo
con su traje de esperanza
mientras los surcos abiertos
lloran la ausencia del grano."**

Se o camponês foge para a cidade, nela padece a Classe Média.

**"El llanto se ahoga a solas,
porque esa es la Clase Media
no sabe pedir y sufre
su gran tragedia en silencio".**

Poemas sem aparato. Poesia proletária. Sem goma. Diréta. De musicalidade suave. Rente ao coração. Versos agradavelmente costurados de imagens.

Em "Voz Campesina" exalta a rica natureza e a pobreza humana :

**"En la hacienda de don Pancho
las frutas se están perdiendo,
y, ! Dios libre ! que los peones
se cojan una siquiera."**

E o pobre Ambrosio foi preso, amarrado,

**"Como qualquer bandolero,
porque se chupó una caña"**

Como é simples. De uma simplicidade aterradora de verdade ! Como é sulamericano !

Guzman "enfant terrible à la Dickens", descreve com suavidade os disparatados contrastes da vida e aponta o único responsável :

**"! Del lamento y la ruina
es sólo responsable
la ceguedad del siglo !**

Todavía sua antevisão poética espera melhores dias:

**Que tu anhelo no se extinga
con las ráfagas primeras"**

E que :

**"se acaben las tétricas guerras
y que reine ! oh cristianos ! la paz.**

**Con fervorosas preces
y gravidos de celo
debiéramos al cielo
pedir que reines tú."**

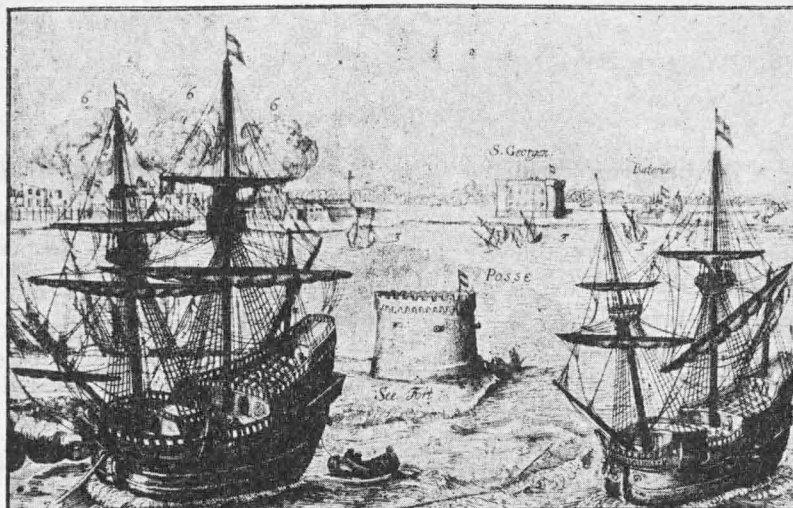
Como o poeta Guzman, desejamos esta paz perfeita, que é também a paz poética, dos pobres em espírito para as coisas materiais.

Vicente do Rêgo Monteiro.

IGREJA DO PILAR — FOTO ALEXANDRE BERSIM



AS FORTALEZAS DO MAR (PICÃO) E DE SÃO JORGE - PORMENOR DE UMA GRAVURA DE NICOLAUS JOHANN PISCATOR, 1630



A FORTALEZA DE SÃO JORGE

E

M 1595, o corsário inglês James Lancaster saqueou o Recife durante 31 dias e construiu na extremidade do povoado uma fortificação provisória, em precaução contra um eventual ataque do lado de Olinda.

Tomadas em consideração várias circunstâncias, as quais não podemos demonstrar neste curto artigo, achamos muito provável que depois da retirada do corsário, os portugueses aproveitaram-se da trincheira de Lancaster, lugar estratégico, e ali levantaram o Forte de São Jorge.

Não sabemos nada de certo sobre a origem da fortaleza. Igualmente não conhecemos o plano originário da mesma. O que mostram diversas gravuras (p. e. a de Nicolaus Johann Piscator de 1630) e mapas (p. e. Andreas Drewisch Longesaltensis de 1631) da época, é ou inexacto ou refere-se à forma reedificada. Também não existem restos ou vestígios suficientes para que se tenha uma idéia exata da forma originária do forte.

Porém o que é fora de dúvida, é o heroísmo com o qual os portugueses e os nativos sob o comando do capitão António de Lima defenderam o forte contra o invasor em 1630. O próprio chefe holandês, coronel Waerdenbruch, disse no seu relatório: "No dia 20 de fevereiro, em virtude da resolução do conselho, ordenei ao tenente-coronel Stein-Callenfels atacar de noite o forte situado em terra firme junto ao Recife. Desempenhou-se atacando-o durante duas horas. Entretanto as escadas saíram curtas, havendo perda de vinte mortos e quarenta feridos, enquanto os inimigos perdiam 12 combatentes. Julgou-se melhor tocar a retirada, para não expor mais gente." Segundo os cronistas portugueses, houve entre os 38 defensores, cinco mortos e oito feridos.

Este resultado imprevisto pelos holandeses, aumentou muito o moral dos pernambucanos, enquanto os defensores da fortaleza recebiam reforços de fora.

No dia 27 de fevereiro, Waerdenbruch ordena um novo ataque com trincheiras, fachinas, cestões e artilharia. Os

canhões dispararam todo o dia e o tenente-coronel Adolf von Eltz dirige o assalto de 600 soldados escolhidos. Atrás destes 600 esperam mais de 6.000. Dentro da fortaleza, porém, luta um punhado de pernambucanos desesperadamente pela existência da sua gente, e pela liberdade da sua terra.

Porém, o que pode obter esse bloco de pernambucanos com as suas antigas peças enferrujadas contra tantos guerreiros experimentados, que em nome da mais forte potência marítima do mundo, batem às portas do baluarte meio arruinado! Apesar de tudo isso, defende-se a fortaleza quatro dias. Ainda há munição e água, porém não há o que comer. As portas estão desconjuntadas pelas balas. Na velha muralha abrem-se brechas. As peças caem das plataformas de madeira. A maioria dos defensores está morta, os poucos restantes, sem excepção, feridos. Eles não podem mais. A Fortaleza de São Jorge teve de capturar, mas "somente se entregou na última extremidade."

Isto se deu no dia 2 de março de 1630.

Os holandeses reedificaram o forte, mais tarde, porém, deixaram-no arruinar.

No ano de 1680, João do Rego Barros mandou erigir no local da antiga fortaleza, a igreja de N. S. do Pilar que, restaurada em 1899, ainda existe.

Do baluarte ninguém mais falou. O povo pernambucano esqueceu-se completamente duma das mais gloriosas páginas da história pátria.

Em 1859, Dom Pedro II visitou Pernambuco. O monarca que gostava muito da História, mostrou-se desejoso de conhecer o local onde existiu a Fortaleza de São Jorge. Mas, em todo o Recife não houve quem pudesse satisfazer a justa curiosidade do Imperador. Este fato foi um dos motivos da fundação do Instituto Arqueológico em 1862.

Ao lado da Igreja do Pilar, ainda hoje, uma faixa de grandes pedras corta a rua, polidas, durante séculos, pelos pés dos transeuntes. Quem não sabe, pensa em calçamento, porém, são os últimos vestígios dos alicerces da heroica Fortaleza de São Jorge.

(Extrato de um capítulo do livro "As antigas Fortalezas de Pernambuco" de Theodoro Kdletz).

CANÇÃO DO MEU DESESPERO

Escreveu MENELIK LUNA para "Renovação"

(...E os ventos uivam a canção do meu desespero
que a noite estilizou.)

Eu plasmei minha miragem
com esperança dos meus sonhos irrealizados.
Divinizei a vida em minhas fantasmagorias
de sonhador.
Superhumanizei a alma dos homens
nos sonhos que idealizei, nos poemas que senti.
Contemplei auroras com toda a pureza de minha visão
[interior

e elas refletiam a vida que eu sonhava
preenche de luminosidade
dos profundos cismas do Creador.

(...E os ventos uivam a canção do meu desespero
que a noite estilizou.)

Eu deixei a minha solidão, um dia,
a embriaguês do meu idealismo
para me envolver de realidade.

E depois a noite humanizou-se para sentir a dolorosa
[tragédia
do meu sonho de louco
que se diluiu na bábara melodia do meu desespero.

(...E os ventos uivam a canção do meu desespero
que a noite estilizou.)

NADA CHEGA DE BELO

Nada chega de belo
ólho a noite : está fria
vejo a rua : está deserta
os parques abandonados
muita gente saiu de casa
aproximem-se do revelador
êle mostrará tudo
as bategas não farão mal
todo perigo está no enclausuramento
a chuva esfria a cabeça em fogo do poeta
o povo nem sente a chuva querer se aperceber
do significado.

HAYDN GOULART

CONGRESSO DE POESIA
DO RECIFE

A Comissão organizadora do 1.º Congresso
de Poesia do Recife comunica o adiamento
do mesmo Congresso, que deveria realizar-se,
nesta cidade, em Dezembro próximo passado,
para o período compreendido entre Março e
Abril do ano corrente. Oportunamente será
anunciada a data precisa do início dos trabalhos.

AURÓRAS MISTERIOSAS

Ruidos martirizantes estou ouvindo do vulcão da terra,
Como onda brávia que sacode rochedo
E levanta frangalhos de cousas mortas.
A voz do sangue está gritando alarme
E escaldante chama cava miséria fraticida.
Parece que feneceu a ternura dos corações
E ninguém escuta os clamores isolados.

Passa uma procissão infinda de emigrantes, doentes e
[desherdados.

São estátuas vivas do sofrimento
Com marcas de destruição.
Eu vejo estas vidas que tropeçam aos pedaços
E vão caindo no fragor do tumulto.
As dôres irmãs não se unem
Nestes ocasos de desespero.
Cada um salmo é um "De Profundis"
Sobre a ára do sacrifício.

Como eu sinto vontade de buscar teu perdão, Senhor,
No silêncio da aurora sobre os fantasmas dantescos.
Enquanto todos os corações se fecham à esmóla de um
[carinho,

A sombra de tua Cruz me aponta uma esperança,
Me segreda um desengano da terra,
Me assegura um mistério,
Que meu coração cansado
Tem necessidade de amar.

GILDO DANTAS.

M A N O I L E S C O

J O R G E A B R A N T E S

(E s p e c i a l p a r a R E N O V A Ç Ã O)

III

NOTE-SE que nesta sequência de comentários à doutrina exposta por Mihail Manoilescu no seu notável e universalmente conhecido "Le Siècle du Corporatisme", têm sido principalmente discutidos aquêles pontos a nosso ver FRACOS, que ocorrem ao examinarem-se as ideias do corporativista de Bucarest, como, em geral, de todos os pensadores.

O elogio, entretanto, dêsse vigoroso teórico do grande sistema do século XX, tem sido feito, aí fóra, pelos seus divulgadores e comentadores, que lhe põem em relêvo o alto valor doutrinário, a coragem e o avanço das ideias. Contendo muitas vêses estas observações aspectos negativos, não encobrem o largo sentido geral de afirmação existente no pensamento de Manoilescu, que é um dos propugnadores daquêle corporativismo PURO e INTEGRAL, que não é ainda o praticado no mundo, mas que é o verdadeiro corporativismo, ao qual devem tender todos os Estados e com êles o Brasil. O que seja esse corporativismo — que reponta, quanto ao carater de integral, no sistema português e no austríaco anterior ao "anschluss", (1) falhando, entretanto, miseravelmente, quanto ao carater de PURO, ali, como na Itália — já o dissemos em notas anteriores.

As restrições, pois, aqui feitas, não anulam o nosso aplauso e a nossa aceitação de grandes partes da doutrina de Manoilescu. Pelo contrário, muitas vêses elas aparecem — e não podia deixar de ser assim — ao lado de considerações de carater plenamente afirmativo, adesivo.

O pensamento corporativo penetra não apenas o campo econômico, mais ainda o social e o jurídico, donde poder-se falar perfeitamente não só de uma economia corporativa, mas tambem de um direito corporativo e de uma sociedade corporativa. A razão de ser de muitos dêsses PONTOS FRACOS de Manoilescu parece-nos estar precisamente no fato de que êle é economista e não jurista ou, ao menos, mais economista do que jurista. Outro motivo — já chegámos a indicá-lo — é o seu POSITIVISMO (não é somente dêle...), que pode não ser bem a revivescência de filosofias retrogradadas, mas reside incontestavelmente em suas ideias, na sua exageradamente pragmática e afilosofica concepção de propriedade, de justiça, de moral, de direito. E olhem que o corporativismo PURO e INTEGRAL não é para aplicar-se (e que o fôsse) só às relações econômicas, mas dominará como organização e como ESPÍRITO toda a sociedade.

É por abraçar aquelas ideias que o meu amigo dr. Arnobio Graça diz que o corporativismo tem sua fonte exclusivamente na escola histórica do direito, nega o direito natural e concorda com o carater de OPORTUNIDADE HISTÓRICA que Manoilescu vislumbra no corporativismo. Ao nosso ver, o corporativismo está assentado sobre a realidade das nações e do século, mas os seus princípios diretores sóbem muito alto...

A PROPRIEDADE

Justamente como diziamos: "Pour le corporatisme la forme de propriété dépend de ses résultats sociaux. Il ne fait pas de propriété une question de principe, mais une question de pragmatique (o grifo é do autor). Si l'expérience

prouve que, pour une certaine catégorie de biens productifs, les meilleurs résultats sont fournis par la propriété socialisée ou étatisée ou coopérative aucune difficulté de doctrine ne saurait s'opposer à l'évolution vers cette forme." (2) (o grifo é nosso).

Manoilescu, como vêem, não faz (diz êle que é o corporativismo que não faz...) da propriedade uma questão de princípio, mas uma questão de pragmática. Eis o direito de propriedade confiado à guarda de um doutrinador sumamente perigoso e de ideias, algumas vêses, simplesmente policiáveis... Pois, ou se faz da propriedade uma questão de princípio ou ela deixa de ser um conceito e um fato definidos para tornar-se uma irrealdade, uma fantasia. Manoilescu, como sempre, vê o fato da propriedade (os juristas diriam a POSSE), mas não vê por traz dêle ou acima dêle o direito, propriamente dito, que se afirma não só em virtude do direito positivo, mas, originariamente, do direito natural, daquêle "direito de propriedade abstrato" a que se refere S. Tomás, ao qual não corresponde ainda nenhuma possessão concreta no domínio econômico, direito em potência que não justifica de si o direito individual de possuir, mas somente um direito específico e autêntico à aquisição legítima da propriedade em geral". (3)

"Uma certa escola positiva — diz Johannes Haessle, escritor católico alemão — pretende fundar o direito de propriedade unicamente sobre a legislação positiva; ora, esta é a expressão da vontade do Estado; então, o Estado poderia a todo instante mudar o regime de propriedade e mesmo suspender o próprio direito de liberdade." E cita êsses "positivistas": os da teoria que se pode chamar legalista — Hobbes, Montesquieu, entre outros; os da escola histórica — Fichte, Trendelenburg; os teóricos socialistas, para os quais a propriedade é uma categoria histórica, relativa e mudável, destinada a evoluir — Lassalle, por exemplo; os que vêem na propriedade a consequência de um contrato primitivo — Grotius, Pufendorf; os que admitem a propriedade como resultado do trabalho individual — Marx, Ricardo; e os que vislumbraem nela uma simples conveniência econômica — Schaeffle, (4). Manoilescu, em nome da função social da propriedade, que êle exagera e deforma, fica compulsoriamente nêsse rol de "positivistas".

"Não se pode justificar a abolição da propriedade privada apelando para a Providência do Estado, porque o Estado é posterior ao homem e antes que êle pudesse formar-se, o homem já tinha recebido da natureza o direito de viver e proteger sua existência" (5) — diz Leão XIII na "Rerum Novarum", após argumentar com os princípios de direito natural que vêem em defesa da propriedade privada.

Como no caso dos "direitos individuais", Manoilescu liberta-se do extremismo individualista para deixar-se seduzir pelo extremismo socialista. O direito de propriedade já não é o "jus utendi, fruendi et abutendi" — a despeito de toda a argumentação reacionária de Manuel Lubambo — o uso desgovernado da coisa até o "abuso do direito". Mas tambem não é uma mera "conveniência social". Ela continúa a ser

(Conclue na pag 24)

UMA TENDÊNCIA AO IDEALISMO POLÍTICO CLEODON FONSECA

(Especial para RENOVAÇÃO)

Si, para alguns críticos, Erico Veríssimo vem diretamente de Huxley, todavia, é preciso distinguir que traços de independência marcam a obra do escritor brasileiro, um romancista liberto de influência, na opinião de outros.

Antes de tudo, convém ressaltar que Huxley é um poderoso crítico mordaz do espírito burguês, diante do qual apresenta a sua inteligência em um pedante culturalíssimo, e Veríssimo, embora no mesmo caminho, usa, entretanto, idéias que, si não fôsse extravagante, diríamos que sóbem do coração. Huxley é um romancista que sorri dos próprios personagens, explorando temas sempre novos, sem apresentar solução satisfatória, enquanto o autor brasileiro, através dos seus tipos, define uma atitude, procura apontar um caminho. Aldous Huxley é autor do romance de idéias. E interessante que, através de Philip Quarles vem criticando esse gênero, como si, vibrando o chicôte, este, voltando, o atingisse... Veríssimo, si assim podemos dizer, é o romancista dos ideais. E finalmente, é mais humano — afirma um crítico nacional.

A maior virtude do escritor gaúcho é ser um perfeito fotógrafo dos tipos humanos. Estamos diante de um dos mais hábeis autores no realismo psicológico, no Brasil. Tão precisa e oportuna é a sua observação que, mal levantamos os olhos de um romance de Veríssimo, vemos continuado na vida, como si tôda a questão se resumisse unicamente na transposição dos tipos humanos. Já comentaram o encontro que temos, diariamente, com Vasco, de espírito rebelde e sentimental, e Clarissa, com aquela ingenuidade que impregna de beleza tôdas as páginas onde aparece, nas suas conversas íntimas, nas cogitações de moça provinciana. Quem duvida da existência de Amaro, aquele solitário, dono de um grande coração e de um inegável lirismo? Fernanda é o símbolo da força, da idealismo construtor, diante dos sonhos impossíveis de Noel. E mais, Eugênio, a sua mais "recente adaptação", com aquela complexo de inferioridade, vendo fugir a vida e olhando, depois de tudo, no passado, a figura impressionante de Olívia que lhe atinge a saudade, como um sonho.

A trajetória de Erico é sinal indicativo de uma grande realização. Porque mesmo ele influuiu na mentalidade brasileira — fato este que Manuelito de Ornelas não estudou no seu livro. Mas, é preciso convir, a linha nem sempre é ascendente. Sí, de CLARISSA ao último, SAGA, apresentam-se aspectos característicos e conquistas sucessivas que marcam, definitivamente, o valor incontestável do romancista nacional, é lamentável que esse hábil fotógrafo dos tipos humanos, talvez preocupado com a fidelidade do realismo, tenha esquecido uns aspectos de caráter essencial. Um dos pontos que, para alguns, representa um grave descuido do autor é o fato de os personagens não experimentarem grandes situações inesperadas, o que equivale a dizer que Erico não conduz o romance a climax. No quadro da decadência do mundo burguês, as suas figuras apenas "vivem", carregando os seus dramas interiores. Apenas "vivem" e, para uns, isto é essencial. Mas, si é defeito, passemos, então, à grande virtude: seus personagens são tão reais e tão vivos que, como Eugênio e Olívia, só podem vir, diretamente, da realidade. São transportados. E aí é que está a complexidade. Porque, em tal caso, para muitos, o personagem acompanha o autor, ou, em outras palavras, está se verificando uma "distribuição psicológica". No entanto, Veríssimo é magistral e definitivo. Sabe viver o momento psicológico sem a total "distribuição". Ele mesmo afirmou que não

tinha fé religiosa e, entretanto, não podia proibir que Eugênio acreditasse no Deus de Olívia. Portanto, vemos o autor acompanhando o personagem, em completa independência — o que não vem contrariar o ficcionismo, pois, aquele, "realizando" a história, penetra a vida.

Na evolução literária de Erico Veríssimo, nota-se que a técnica, si assim podemos dizer, nem sempre foi uniforme. Ou melhor, a objetiva. Tanto que assinalou a variabilidade de prismas, como, por exemplo, a técnica de CAMINHOS CRUZADOS, diferindo da de UM LUGAR AO SOL e este de OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO. Houve mudança de método, portanto, de objetivo, porque, também, fixaram-se novas diretrizes, no que diz respeito ao aspecto idealista. Já Paul Bourget dizia que a literatura de observação, segundo se oriente de um lado ou de outro, muda de método mudando de objetivo. Ora, vemos em OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO delineados, definitivamente, aqueles ideais de solidariedade humana, culminando em SAGA, mas aí na figura de Vasco. Chegamos, então, a uma espécie de idealismo político. E aí está um dos pontos discutíveis na obra de Veríssimo. O próprio autor confessa que a carta de Vasco, nas últimas páginas, é a introdução a um programa social. Vasco, espírito rebelde e sentimental, andou pelas terras da Castela e volta desiludido, profundamente desiludido. "Quero deixar traçada aqui a vacilante trajetória de uma alma em busca de rumo" (SAGA, pg. 106). Aliás, a tendência de alguns escritores da atualidade é focalizar essa "tirania espiritual" da hora presente, em que o homem se encontra, sem rumo, na encruzilhada dos caminhos. E o melhor exemplo é o de Mauriac (embora em outro plano) através do Jean Paul que não se conforma com a dureza da realidade do mundo contemporâneo. Em SAGA, vemos Eugênio lembrando que "Olívia costumava dizer que a vida começa todos os dias". De um lado essa idealização de trabalho, de beleza, de construção espiritual, de idealismo realmente humano. Depois disso, porém, começamos a presenciar a tendência do romancista ao idealismo político. E podemos dizer, uma certa decadência no romance. Há páginas que não inspiram muito interesse em virtude da sua prolixidade. Além do mais, o autor se preocupa com fatos e paisagens que se podiam sintetizar em poucas linhas. Finalmente, a solução é pouco satisfatória, como o fim de Vasco na calma de Aguas Claras com geito de paisagem bíblica, ou, como querem alguns, a espera... De maneira que o idealismo político, ou qualquer que seja, vem em detrimento do idealismo artístico. É verdade que, até certo ponto, segundo Afonso Arinos, houve, no romancista gaúcho, perfeito equilíbrio entre a crítica social (justificação para a procura de rumos) e a emoção estética. O caso é o de OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO. Mas... a procura de rumos políticos e a resolução do problema social vêm impregnar o romance e daí o sacrifício da arte. Exgotaram-se os grandes motivos da alma humana? Claro que não. E o lamentável é que, além do que se está verificando, o escritor de SAGA vai, como anunciou, ramancear a colonização de uma cidade, como si a arte obedecesse a necessidade de caráter histórico-temporal... Romance é arte, vida e nada mais. Claro que o autor não pode fazer abstração do tempo e do espaço. Nem, às vezes, pode omitir dados históricos em um momento dado. Entretanto, si a vida dos personagens tange os fatos, ou o contrário, não se submete aos mesmos e o romance (criação, rea-

(Conclue na pag. 29)

O FUNDAMENTO TEÓRICO DO SERVIÇO SOCIAL

ANTONIO BEZERRA BALTAZ

(Especial para RENOVAÇÃO)

I

O vertiginoso crescimento numérico das populações da terra, está entre os fatores principais de inconstância da paisagem social.

Uma de suas consequências mais notáveis, é o aparecimento e a rápida evolução de problemas dantes insuspeitados, quem sabe mesmo inexistentes.

Problemas que, interessando fundamentalmente à sociedade humana, derivam menos dela própria, de que do grande e crescente número de indivíduos que a compõem.

O grande número e a integração dos indivíduos no meio social, trazem para este uma aparência de tal complexidade — que dá a muitos a impressão deveras alarmante de ser impossível o estabelecimento de uma teoria dos fatos sociais — de uma coerência e de uma ordenação entre os fenômenos que se observam na sociedade.

Ora, do emaranhado de causas e de efeitos que caracteriza os fenômenos de multidão — pode-se extrair por um método próprio e científico — a necessária ligação entre estes e aquelas — causas — de um lado, efeitos de outros.

Fundado na teoria das probabilidades batizada com muito acerto como a lógica do acaso — o método estatístico — prolongado na stocástica moderna — constitui um processo rigoroso de investigação, nos fenômenos em que o número de dados observáveis tende a multiplicar-se indefinidamente.

É essa a razão porque na determinação das leis a que obedecem os fatos sociais — os métodos de maior sucesso — isto é, aqueles de maior contacto com a realidade mesma desses fatos — constituem em última análise, sondagens de índole estatística.

A procura de “regularidades”, de “repetições” e de “tendências (de “invariantes, diria um matemático) — a serem reveladas pelos fatos da história social — é a característica da pesquisa sociológica, pondo em evidência o fundamento estatístico desses processos de investigação baseados quasi sempre na teoria da amostra.

Saindo do campo do estudo especulativo da sociedade para o terreno mais interesseiro da solução prática dos seus problemas — graves e externos problemas sociais — vai-se descobrir ainda o método estatístico, concorrendo de modo absoluto para as tentativas de solução formuladas para as questões de que depende o bem comum.

Observadas com cuidado as modernas tendências da ciência política — nos seus contactos mais íntimos com os problemas propriamente sociais — aparece a estatística como o recurso mais frequente de que lança mão para o conhecimento objetivo — mais que isso, quantitativo — dos dados em que podem ser postas as questões e da escala em que as soluções devem ser tentadas.

Todo o mecanismo — por exemplo: da previdência social — sem dúvida uma vitória da civilização contra os riscos mais prementes do infortúnio — está baseado na elaboração — delicada, rigorosa e fecunda de dados estatísticos.

Elaboração esta — ela mesma de ordem estatística — ou se quiserem stocástica. A extensão dos desajustamentos sociais — extensão em número de indivíduos, em massa de desajustados, não permite tratamento de outra ordem aos problemas de recomposição de equilíbrio que são a grande parte dos problemas sociais contemporâneos.

Não se quer de modo algum dizer com isso que a sociologia se reduz à estatística nem apontar esta última como norma fundamental de governo. Quer-se mostrar tão somente a índole estatística dos métodos atualmente mais fecundos em sociologia e em política. Fica assinalado deste modo que, assim como as ciências naturais se fundam na lógica da certeza as ciências sociais de certo modo se baseiam através do método estatístico na “lógica do incerto” em última análise sobre a noção de probabilidade com o postulado de “eniésimo” no lugar do terceiro excluído.

É curioso talvez notar de passagem que também a física moderna — ciência naturalíssima, aliás — tem uma tendência muito forte no mesmo sentido de abandonando o determinismo dos clássicos viver pura e poeticamente de relações de incerteza como aquelas formuladas pelo grande físico Heisenberg.

Não é contudo impunemente, digamos assim — que a humanidade se multiplicando — criou a necessidade de soluções desta ordem para os seus problemas sociais.

O primeiro passo do método estatístico, (como aliás do “método” em geral) consiste em classificar os elementos em consideração.

Dessa classificação se passa em estatística ao agrupamento dos indivíduos cujo comportamento diante do fenômeno estudado pode ser definido de forma idêntica, qualitativa (estatística de atributos) ou quantitativa (estatística de variáveis). Sucede no primeiro caso como no segundo que a homogeneidade dos grupos assim formados é um produto de pura abstração — existindo somente e dentro de certos limites por meio de convenções escolhidas convenientemente.

A extensão total do atributo é dividida em intervalos, dentro de cada um dos quais os grupos de indivíduos são considerados homogêneos.

É claro portanto que, se um dado valor do atributo (qualitativo ou quantitativo) é tomado como representante do grupo, os demais valores contidos neste grupo apresentam em relação ao seu padrão, um afastamento maior ou menor num ou noutro sentido. Da maneira como estes afastamentos se distribuem e se equilibram em cada grupo, depende aliás a idoneidade do padrão escolhido para representante do mesmo.

Ora, as soluções do problema que se apresentam, são elaboradas e finalmente dirigidas, quando tratadas estatisticamente, para esses elementos padrões — característicos do comportamento dos grupos.

Torna-se evidente que — consideradas como solução para cada problema individual dos componentes do grupo — elas estão longe de satisfazer em todos os casos — por uma adequação perfeita às necessidades de cada um, particularmente.

Os afastamentos de valores existentes entre cada indivíduo do grupo e o seu padrão — provocam por consequência outros tantos desajustamentos entre os valores da solução proposta estatisticamente, e a solução desejável separadamente para cada um dos casos individuais.

NOVOS DESTINOS PARA A IMPRENSA CATÓLICA

A N T O N I O T O S C A N O

(Da A. J. C. do Rio de Janeiro)

Não é demais repetir que a dispersão de esforços a que nos acostumamos precisa de ser remediada, se quisermos realizar com superioridade a missão que nos cabe a nós jornalistas católicos. Um gráfico exposto na sede da "Associação de Jornalistas Católicos do Rio de Janeiro" encerra os diários e principais periódicos que circulam no país. Temos, ao que parece, cerca de duzentos órgãos que se editam atualmente. Entretanto, a nossa imprensa católica não pode ser considerada uma "bôa imprensa", no rigor da palavra. Motivos vários concorrem para isto, sendo o principal dêles a falta de coordenação dos elementos que constituem e dirigem essas duas centenas de folhas católicas.

UMA REVISTA PERNAMBUCANA

NUMA terra onde as revistas de arte e literatura vêm sendo últimamente desviadas da orientação que devia ser comum a todas elas (apresentar qualquer cousa de estável e interessante na sua especialidade, afim de que esta não permaneça apenas no rótulo atraindo deslealmente os leitores desprevenidos) e surgem, não raras vêses, em mãos de certos frequentadores das colunas policiais da imprensa, como instrumento duma dupla chantage literária e comercial, é justo dectacar a atitude de "RENOVAÇÃO" que está realizando, no Recife, uma verdadeira obra de cultura.

Aparecendo, no seu primeiro número, ainda um pouco indecisa, ajustou-se e evoluiu com rapidez, em pouco mais de um ano, para chegar a um estado que permite situá-la entre as melhores e mais sérias publicações brasileiras de seu gênero.

A dispersão, ou o retraimento de muitos dos nossos valores literários e artísticos não fôram mais possíveis depois que essa revista iniciou a tarefa à qual se propuzera de início. Por outro lado, outros nomes aparecem, sentindo-se a presença de alguém que os convoca e estimula, cheio de confiança no papel destinado às mais jovens gerações. E' o professor Vicente do Rêgo Monteiro, artista dos maiores do Brasil, livre de egoísmos e vaidade, a serviço de todos colocando o seu senso crítico e a sua experiência.

Merece também um registro a obra de educação artística que está sendo feita nas páginas de "RENOVAÇÃO". O número de hontem, por exemplo, traz reproduções do "S. João Evangelista", de Ugolino da Siena, e do "São João o Zelota e S. Bartolomeu", pintura de 1227, do "Mestre Franciscano", autor desconhecido, verdadeiros encantos para os olhos e para a sensibilidade.

Muito consolador é verificar que se procura enveredar por uma nova estrada. A realização do II.º Congresso dos Jornalistas Católicos, reunido de 9 a 15 de outubro, vale como um sinal do começo de uma nova e promissora época que vai viver o jornalismo católico do Brasil.

Esse certame, organizado pelas A. J. C. do Rio de Janeiro e de S. Paulo, mereceu não só o prestígio, os aplausos das instituições e das elites de nossos católicos de ação, e sobretudo de homenagem, tendo à frente a figura veneranda de S. Eminência o Cardeal D. Sebastião Lême, mas também recebeu a colaboração valiosa e a real simpatia das mais altas autoridades da Nação e toda a imprensa. É bem certo dizer-se que no Brasil a maioria pensa com a Igreja. E daí êsse entusiasmo e essa admiração pelas iniciativas dos católicos. Notícias chegadas dos Estados confirmam a grande divulgação que teve o Congresso. De modo especial, a imprensa carioca registrou o desenvolver dos trabalhos, estampando clichês e publicando comentários e artigos de fundo elogiosos.

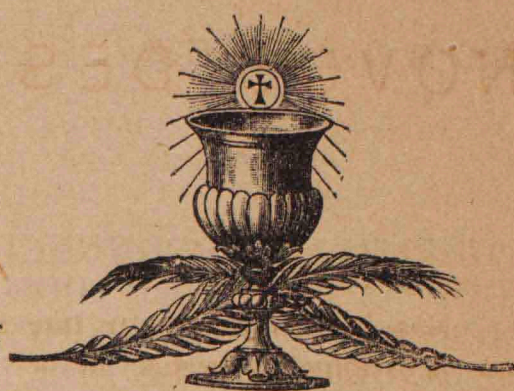
O sentido prática e profundamente católico que predominou em todos os trabalhos está a exigir uma palavra de louvor. Mesmo nos momentos de discussão em que a assembleia se dividia no apreciar as sugestões nenhuma atitude surgiu que ao menos de leve ferisse a suscetibilidade de alguém. Sempre a maior cordalidade e espírito de união uniam os leigos e sacerdotes todos empenhados em que saíssem daquêlles os melhores frutos para prosperidade e maior eficiência da imprensa católica.

Entre os pontos estudados, podemos citar alguns que evidenciam a alta significação do certame. Por exemplo, da concepção de que se faz mistér unir, coordenar, centralizar esforços, abandonando corajosamente o individualismo que divide e estiola sob o pretexto da liberdade, nasceu a idéia da fundação de uma cadeia de jornais, cobrindo todo o país. No intuito de prestigiar ainda a imprensa católica, a assembleia aprovou que se confiasse à A. J. C. do Rio de Janeiro a incumbência de desenvolver um trabalho com o fim de centralizar não só a propaganda de "Bôa Imprensa", como também todas as atividades da imprensa jornalística e editorial. Por fim, tomou a deliberação de promover uma campanha a favor da imprensa e dos bons livros nos estabelecimentos de ensino católico, pedindo para isto a colaboração dos seus diretores. Não foi esquecida igualmente a necessidade de aperfeiçoar os nossos jornais, dando-lhes uma feição mais atraente e mais atual. A matéria redacional foi demoradamente estudada no que diz respeito à ética cristã, a cultura intelectual e aos comentários dos problemas sociais e políticos contemporâneos.

Uma conclusão do Congresso que de certo muito animará os que colaboram no movimento circulista é a que lembra aos jornalistas e à imprensa, em geral, a melhor colaboração na execução do plano trinal de comemoração do cinquentenário da "Rerum Noverum", dando a maior amplitude ao noticiário referente ao acontecimento, e divulgar as iniciativas dos "Circulos Operários".

Estas as principais diretrizes traçadas pelo II.º Congresso dos Jornalistas Católicos. Resta cumprimos cada um a parcela de serviço que nos cabe na explanada dos deveres gerais que incumbem aos jornalistas católicos brasileiros na hora presente.

U' A TRISTE MANHÃ



O carro mortuario saiu na frente, os automoveis fizeram uma linha, acompanhando. O necroterio ficou vazio, as velas apagadas, algumas rosas que se despregaram de uma grinalda, murchando, no pé da parede. Uma irmã veio pisando macio, levou o turíbulo, o vaso de agua benta. Depois, passou um pano na pedra mar more, despregou as bolas de cêra dos castiçais, limpou as cadeiras. O necrotério estava pronto para receber outros, homens, algum morto, mais flores, mais velas. Por fim, a irmã de saia preta e pano branco na cabeça, fechou a porta e foi-se caminhando, depressa.

As nuvens que viviam no céu eram as mesmas. Compactas, formando uma única côr plúmbea. Os genipapos que se tinham esborrachado no pátio do necrotério, agora formavam pastas marrons. A frieza da manhã enervava.

Salviano acompanha o enterro. Entre dois senhores gordos êle está esprimido, pálido. A displicencia de seus gestos dá a entender que Salviano veio rezando desde muito tempo. A calma que existe no seu rosto é semelhante a placidez de sono.

Os automoveis dobravam ás ruas. O ruido era da campa do carro mortuario. Alguns passageiros falavam com termos menosilábicos. Um senhor de "pince-nez" deitou o olhar para fora. Mesmo toda a cabeça. Queria ver melhor as pernas da moça. Verdureiros retalhavam melões, o dono da mercearia descobrira a cabeça. Muita gente á janela, olhando. Um grupo de meninos contou os carros.

Salviano em suspensão, triste. Os olhos enxutos por que não existe mais lágrimas. Cena perfeita de conciliação com o sofrimento. Integral.

O carro mortuario chegara ao cemitério. Os automoveis faziam uma curva, o pessoal saltava um pouco distante do Campo Santo. Dr. Diomedes e mais cinco parentes do morto procuravam ás alças do ataúde. Parecia mais um caixão de flores, tantas eram as grinaldas que encobriam o veludo. Outras eram levadas por umas moças. Elas choravam baixinho. Também certos homens tinham os olhos avermelhados.

Salviano também para. Na sua frente uma infinidade de cabeças descobertas esperavam que o último tijolo fosse rebocado. Acendiam cigarros. Tossiam. Lenços colhiam lágrimas. O conego que aspergira o Mausoleu saíra abraçando os parentes do morto, um por um. Os outros imitaram o gesto do conego e daqui a pouco só se ouvia—meus pezames, minhas condolências, senti muito — Uns abraços ligeiros se sucediam.

Salviano sente que o derradeiro laço se desfaz. O rio dos desamparados, dos que não tem pai, nem mãe, acabara de receber seu corpo. Sozinho — lutando contra as correntezas. Um único cérebro para descobrir o lugar das areias gordas. O lugar onde as plantas marinhas, absorvem, absorvem. A compridez do rio de suor. Mesmo sendo filho natural do finado Delmiro, Salviano gostava de ouvir a voz mansa de seu pai. Aqueles cabelos brancos, a côr rosada de suas faces. As maneiras educadas para falar mesmo com um homem de pé no chão. Um sorriso, bom, amigo. Êle deixara algum dinheiro. Mas de que servia... Filho natural... Muitas pessoas, já deixavam o cemitério.

As pedrinhas começaram novamente a chiar nas solas dos sapatos. Os automoveis afastavam-se como num curso. Enorme. Diversas pessoas aproveitavam a ocasião para visitar os túmulos dos parentes. Concentração de sentidos. Mais lágrimas. Avê-marias. Uma senhora acendeu uma vela. Deixou-a ardente numa lápide. Umas flores também ficaram.

Salviano ainda subindo, subindo, como numa região desconhecida. Uma região aonde o próprio ar desfaz suas lágrimas que tentassem aparecer. Uma nimbação de pálido, de qualquer coisa que fosse emoliente, suja seu rosto com os braços e a cabeça pendendo. Os olhos ferindo uma côr que nem êle mesmo destingue. Talvez o pardo das pedrinhas, o preto do chão. Quem sabe se Salviano não está vendo as rosas do enterro?

A côr do céu continuava. Mais uma placa de chumbo do que um céu de verdade. Se não fosse a volta do povo, poderia ouvir-se com mais nitidez o canto do passarinho.

Salviano deixa aquela posição e sai com os últimos. Meio leso como se não compreendesse o sentido de tudo. As folhas das palmeiras quietas. O canto da avezinha, ausente, com sua volta.

As palmeiras atíssimas como sentinelas dos anjos. Transpondo o portão, Salviano volve a cabeça e as carpi-deiras do Mausoleu, ficam maiores, muito maiores nos seus olhos. Colossais.

BRENNO
ACCIOLY



CONGRESSO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO SINDICALIZADOS DO NORDESTE

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NO PRIMEIRO CONGRESSO REGIONAL DOS EMPREGADOS DO COMERCIO SINDICALIZADOS DO NORDESTE, NO DIA 27 DE OUTUBRO DE 1940, PELO DR. LUÍS AUGUSTO DO RÊGO MONTEIRO, REP. DO MINISTRO DO TRABALHO

Meus senhores :

É com grande emoção que eu compareço a êsse congresso.

Em nome do senhor Ministro Waldemar Falcão aqui estou para trazer a sua saudação aos comerciários do nordeste. S. Excia. atribue o mais alto valor a esta assembléa, não só pela expressão profissional que ela representa como também pela singular oportunidade que se oferece ao govêrno de ter diante de si uma assembléa autorizada, conciente e selecionada, recrutados os seus valores componentes entre profissionais, na mais alta expressão das forças vivas da nacionalidade.

Efetivamente, é raro que se ofereça um momento de congregar representações de trabalhadores de vários estados. Devido às múltiplas dificuldades de comunicação que impedem semelhantes congressos, é que atribuo a solenidade de hoje um alto significado de solidariedade profissional, que confere a esta assembléa singular relevância nacional reafirmando no momento atual os vínculos remótos da civilização brasileira.

O senhor Ministro Waldemar Falcão determinou que eu viesse nessa época em que múltiplos mistéres me prendem ao Rio. Cumprindo essa missão a qual atribuo grande valor, vim trazer aos senhores a afirmação sensata de que a autoridade pública do govêrno brasileiro é a própria essência da nacionalidade.

Sua inteligência, sua consciência, estão mergulhadas nas raízes profundas do Brasil para prescrutar as resoluções mais justas e mais valorosas, para conhecer tôda a realidade orgânica e vital do Brasil.

Portanto, senhores, eu não poderia deixar de observar, de contemplar a assembléa que hoje tenho a honra de presidir, considerando-a de mais alta significação social, econômica e política.

É com com dupla emoção que compareço a êste certame — como representante do sr. Ministro do Trabalho, realmente que só isso seria de relevância mas é também com uma emoção cristã.

São os vínculos que me prendem ao passado de Pernambuco, pelo sangue, as raízes dos meus antepassados, pela consideração e pelas meditações dos têmes históricos que impregnaram de fé esta terra onde se elaborava a consciência própria da nacionalidade brasileira.

Particularmente eu sempre considerei o nordeste brasileiro, esta saliência formada por Pernambuco sobre o Atlântico, como os limites da civilização. Eu o considerei sempre como fator de todas as influências culturais da Nação e acredito que a Pernambuco está reservada uma missão singular nos destinos do Brasil. Cabe-lhe a missão de rehabilitar situações: de estabelecer relações impostas pela plenitude das nossas tradições nacionais e pela essência da nossa fé cristã.

Não é possível, consagrado por todas as gerações que se sucedem, não possível desvalorizar o patrimônio histórico na contestura da história da nacionalidade. É por consequência, na realidade dos fatos pernambucanos que o Estado o Brasil encontra em Pernambuco um dos mais sólidos motivos de sua existência para a formação moderna, oportuna, atual, do sentido histórico da nossa nacionalidade.

Hoje, tive a grande ventura a percorrer numa perigrinação emocional aquêle templo sagrado, aquela montanha memorável onde se realizaram os episódios mais dramáticos da nossa história.

Portanto, senhores, não há em todos os fatos militares, político, nenhum que se equipare a esta guerra singular de trinta anos, que constituiu já nos primórdios da nossa formação uma consciência de nacionalidade, muito antes que uma emancipação política viesse conseguir a maturidade de nos-

sa existência social. Em 1649, pela fôrça só das energias brasileira, exercitando os elementos primordiais da nossa formação orgânica do povo jovem, já havíamos escrito perante o próprio universo as mais relevantes páginas de vigôr, de heroísmo, de bravura, de energia e de coragem, quando aquêles patriótas expulsaram o invasor para todo e sempre da terra esplendorosa do povo brasileiro.

Ora meus senhores, foi nos Guararapes de onde, estendo a vista, contemplei o progresso existente e convenci-me de que há no Brasil uma realidade. O Brasil tem um sentido; tem uma cultura e tradição; tem uma essência que permite aos brasileiros, mesmo nos momentos de maior crise como aquela que a humanidade atravessa, ter uma imagem da pátria na própria personalidade, acentuando através dos séculos a formação da sua organização, da sua cultura, de sua civilização. Dessa civilização que repousa sobre a colonização lusa afetiva e dedicada naquela expressão de fé cristã.

Foi no contacto que êsses valores tiveram com os elementos da terra, com a raça primitiva que êles vieram se plasmar no panorama ambiente, no vigôr físico da zona equatorial de toda essa configuração geográfica. Em função de toda a sociedade fundamental que se elaborou no Brasil, a solidariedade de todas as fôrças raciais, é que eu acredito que em Pernambuco se imprimiram os traços primitivos da nacionalidade, tendo ainda diante de si os mais altos objetivos de humanidade, de fé cristã que conferiram ao espírito brasileiro o teor sublime da sua formação humana — sentimento fraternal e heróico.

Não é sem grande emoção que percorro esta terra sagrada, cuja bravura dos seus filhos se destaca sem comparação em toda uma história americana.

Eu atribuo a Pernambuco o primor de sua configuração existencial no momento em que se realizam obras das mais memoráveis. Onde se constroem novos institutos jurídicos que integram o povo no nível compatível com a dignidade humana. No momento em que a benemérita política do presidente Getúlio Vargas adquiriu uma consciência realista, conciente dos direitos públicos dos seus elementos componentes do Estado Novo e reparou na realidade substancial dos fatos sociais.

Bem longe aquêle período antigo em que apenas se rejubilavam os govêrnos, no esplendor do panorâma excelente a natureza privilegiada.

Não meus senhores, não é só na quela glorificação de riquezas gráteis, de riquezas inexploráveis que se pode satisfazer o verdadeiro sentido da missão reservada ao Brasil no mundo contemporâneo.

Entre vários fatores, não é difícil reconhecer que, no próprio complexo de feição social, é o povo que confere realidade à própria sociedade.

Não são os fatores físicos, não é na organização social porque êle resulta da teoria exclusivamente histórica do povo, nem na teoria isoladamente racial, mas sobretudo, na substância viva dêsses elementos que confere existência persistente ao longo dos tempos e que permite que os seus dirigentes não sejam apenas elementos de encorajamento ou emulação pela existência do povo brasileiro é que afirma a própria nacionalidade.

Esse conhecimento da história de um povo é que confere ao govêrno a primazia de sua missão política na história da república brasileira.

Evidentemente, o govêrno reparou que é pela elevação das condições biológicas do povo, é pela sua suprema dignidade humana que diz respeito a elevação do nível vital dos governados, que permite uma existência de tradição e o prolongamento da nacionalidade pela história.

Não é possível antever um Brasil forte com um povo opulado — e miserável. Construir riquezas morais e materiais quando aqui o nível de vida popular é deprimente. É preciso que se considere a desigualdade sob valores eterogêneos como teor orgânico dos núcleos. Nêsse sentido de teor orgânico tem-se a considerar que êsses valores não só eram gerais, mas pessoais, individualizados na substância viva de seu povo.

Tanto mais se elevasse o processo da civilização tanto mais se aprimorariam esses valores vivos que constituem as esperanças mais positivas da própria existência social dos núcleos, fundamento, substância viva dos fatos sociais.

É para essa realidade orgânica que se voltam o governo cumprindo um programa novo que se apóia no esplendor de afirmação do seu próprio povo e na sua formação racial.

Si considerarmos, portanto, o sentido dessa obra de assistência social, êle enquadra o homem no verdadeiro pedestal de sua glória que o Cristo rehabilitou.

As próprias fórmulas litúrgicas, toda a doutrina da Igreja Católica repousam sobre o sentido de reabilitação da dignidade humana.

Permiti que vos diga : é em uma passagem da celebração dos atos litúrgicos, num dos momentos mais significativos da santa missa, no ofertório, quando o celebrante se eleva na consideração da dignidade humana pedindo a Deus que a reabilite, que a dignifique, que a incorpore ao princípio do plano divino que é o Cristo "Deus, qui humanae substantiae dignitatem mirabiliter condidit et mirabiliter reformasti ; te nobis per hujos aquee et vini mysterium, ejus divinitatis esse consortes, qui humanitatis nostrae tibi dignatus est particeps Jesus Christus..." Ó Deus, que maravilhosamente formastes a natureza humana e mais prodigiosamente a reformastes, concedei-nos pelo mistério desta água e deste vinho, sermos participantes da divindade daquele que se dignou revestir-se da nossa humanidade : Jesús Cristo...

Eis aí senhores, o alto valor que o catolicismo confere a personalidade humana que se não dilue na masse nem se deixa superar por outras abstrações de ordem política ou mesmo religiosa. E os motivos fundamentais da reabilitação dessa própria natureza humana elevado ao Tabor da sua mais esplendida transfiguração.

Senhores, toda a configuração, toda a tradição cristã do nosso país é eloquentemente um testemunho de justiça da nossa própria legislação, nacional, social e trabalhista. O justo espírito que emana dessa legislação, espírito que é uma elevação das camadas sociais para dignificação de cada valor humano.

Toda a grande obra que nós vemos nesse Estado de Pernambuco, em que podemos com uma evidência experimental considerar os méritos da obra do Estado Novo ; onde vemos uma assistência a mais devotada, a mais merecedora de aplausos, reflete esta política de grande estadista, de grande orientador que é o professor Agamenon Magalhães. Espírito novo que ama o Brasil. Espírito de elevação que procura orientar o povo. Sentido eloquente da verdadeira política social do Estado Novo.

A legislação de proteção ao trabalhador, no regulamento sobre duração de trabalho das mulheres e menores, tem toda a necessária engenharia sanitária — repressão contra acidentes, se sente uma justiça de trabalho e o centro primordial dessa legislação que é a reabilitação da pessoa humana. O filósofo e cientista perguntará : Qual a meta das formações sociais corporativas ?

Ora, elas existem para que os operários, para que os trabalhadores usem dela não como uma força, mas dando a oportunidade de realizarem a mais perfeita de suas virtudes para santificação de toda a frente global corporativa. Ela oferece oportunidade de prontos sacrifícios individuais de renúncias, de disciplina, de conformidade às normas de interesse coletivo, que aparentemente sugerirem uma idéia de sacrifício ou de limitação à legítima liberdade. Esse pensamento nada mais é do que equilíbrio social. Este equilíbrio é necessário para que todos adquiram uma possibilidade de realizarem as suas construções humanas, sejam elas éticas, morais, profissionais ou mesmo que ocorra no fundamento do tecido social, por exemplo a família.

Os problemas sociais não são uma norma de reivindicações; não são sacrifícios impostos a personalidade humana; antes todos êles convergem na recíproca imolação dos cônjuges para que se torne possível a perpetuação da espécie.

Pois e mais, em nome do dever mais alto do vosso estado, essa renúncia, que não são renúncias de A ou de B, são renúncias individuais. Em nome da própria expressão da personalidade nacionalista que se firma na consciência em todos os grupos associativos de cultura ou de formação espiritual.

Não há, por consequência, em uma alta percepção das fações grupais o menor aniquilamento de valores quer individuais quer grupais; ao contrário, esses sacrifícios, essas renúncias, juntas convergem para uma efetivação das energias mais poderosas da solidariedade humana.

Considerando a necessidade dessa solidariedade na existência humana disse o santo papa Leão XIII "não queirais viver só porque quando cairdes não haverá quem vos soerga".

Por consequência, as regras de solidariedade humana se inserem não só na igualdade de todas as condições, mas dos mesmos deveres dos mesmos direitos; nessa igualdade intrínseca das imensas funções humanas que encampa a cada ser vivo e que confirma a sociedade no seu mais excelente teor. É essa lei fundamental da sociedade, a lei do amor, a lei da solidariedade, de compreensão de todos os gozos. O contrário seria a lei, da competição desenfreada; a lei da luta pela vida, que pode ser a lei, o pendor dos animais irracionais. A luta pela vida no seu aspecto mais premente poderia servir de tema ao filósofo que a encarasse sob o seu aspecto animal, mas não é a harmonia fecunda e cristã que inspira a formação da família.

É esta a lei, senhores, dos entes racionais.

A luta de classe representa uma exigência de aspecto brutal, transporta para a ordem material dos fatos o plano da formação social e de organização política e cristã.

Ora, muito bem considerou um sociólogo.

"A sociedade que se entrega à luta de classes, que reconhece o primado da luta de classes não tem consciência, não tem governo. É uma sociedade sem governo, que se precipita inconsciente, que se deixa abandonar a mercê de todas as correntes em aspirações superiores".

Ora, não poderíamos chamar a isso de sociedade, não desconhecemos o que é integridade social. Não podemos deixar de reconhecer que existem naturalmente classes justapostas na sociedade, não negamos a realidade premente da concorrência, de predominância da forma econômica nesse recanto brasileiro que hoje está nominalmente enquadrado no mesmo plano de vida social. Não negamos, porque a nós não falta a suficiente razão objetiva para distinguirmos o que seja dignidade, o que seja vício ; mas negamos tal método de ser proclamado lógico. Recusamos a iniquidade. Negamos a justiça passional, a violência, mas estabelecemos um ideal de justiça. — Uma formação direta de um plano de vida, de inteligência diante das forças brutais de extinção das sociedades para que esse governo de opressão não faça da terra que é a expressão feliz da convivência entre os homens, a inversão de todos os valores, de todos os direitos.

Ora senhores, nesse sentido fundamental de sociedade brasileira reconhecemos como elemento primordial de realidade social, a decidida da natureza humana. Reconheço a precariedade das condições de vida do trabalhador privado de alimento, de conforto, do eficiente poder que preserve sua personalidade da livre concorrência.

Insero o Estado Novo no plano livre da solidariedade uma norma, uma regra que permite a harmonia social, a paz que só pode derivar da justiça. Nesse sentido é que eu vos declaro que a nova organização sindical procurou realizar entre nós este pensamento e acaba de estabelecer as relações do verdadeiro sentido do pauperismo profissional.

O governo verificou que havia necessidade de estabelecer elementos legítimos de formação decisiva. Tanto mais próximas fôrem as condições sociais atinentes à condição de via, tendo mais legítimos os vínculos de associação e tanto mais eficazes os elementos de feição corporativa. Entre o conhecimento da mais alta classificação representativa é que, por força das circunstâncias, as administrações estabeleceram e adquiriram uma alta credencial de representação. Nesse sentido estabeleceram um plano de incremento sindical.

Ora, meus senhores, de uma contemplação da realidade econômica profissional, de um lado a exigir fórmulas de uma compreensão, decorrendo o sistema de dupla formação das forças econômicas ; de outro lado as riquezas que dirigem a campanha econômica, que impõem movimentos líderes a todos os processos de expansão da economia de riquezas.

Pela empresa, que assimila as sanções, a organização entre o trabalho e o capital, nós temos um núcleo de fundamento profissional bem compreendido hoje em dia. Um binômio econômico cuja equação se pode efetivamente formar entrementes dois termos — Empresa e trabalho.

Não é somente como pensava Marx, capital e trabalho, outros valores interferem no plano de produção. O trabalho ativo, reduzido, uma valiosa e inteligente direção, horário, risco, seguro contra acidente, organização, são todos esses valores componentes que definem a essência dessa realidade empresa e trabalho.

Por consequência, as atividades econômicas, centro da realidade brasileira, os termos mais objetivos de formação so-

cial do país, fôram apurados dentro de uma organização que pretende, desde 37, expor em números gerais as categorias superiores de economia política.

No equilíbrio dessa ação social estão os elementos do trabalho, nessa preocupação de estabelecer o equilíbrio social, administrativo, pessoal, numa possibilidade de relação; de uma harmonia recíproca de uma consciência partidária; imagem viva de feição social, estabelecendo a feição das categorias profissionais. Derivam também os grupos da distinção dessas categorias profissionais e da unidade de composição dos núcleos, forma indispensável para o conceito de categoria.

Até a sociologia, por cima do todo das construções da vida atual — a solidariedade que é orgânica, admite que se constituam grupos de aspectos definidos por interesses muito comuns. E destes surgirá um grupo tão nítido, tão admirável que sempre se torna possível a troca de assembléas semelhantes a esta. Para esse efeito é preciso que essas categorias profissionais adquiram uma feição bem decidida das formações profissionais do mundo moderno. Diferentes daquela época em que a totalidade das individualidades de feição de artistas eram excessão no Brasil.

Ao contrário hoje, pela pressão da civilização esses núcleos se fragmentaram de tal forma que longe de compôr com exclusividade, era apenas o limite usual de valores a estabelecer a vigilância sobre maquinas de equipamento. Numa sucessiva série de operações em que o operário representa o papel secundário e não aquela do trabalhador medieval.

Para essa formação de ordem técnica, de espírito estético ou de apreciações outras, seria preciso ou seria lógico que se enumerassem discriminadamente essas funções para composição da feição social. Seria ainda preciso reduzir a agremiação sindical e a ter no seu seio apenas aquêles que ora realizassem maiores operações, elementos estaveis de formação profissional.

Dada a simplicidade do aspecto da formação das equipes, era necessário amparar os dirigentes da formação associativa e para isso estabelecer um alto pensamento. Fixos os limites das categorias profissionais, segundo a grande similitude de profissões e de condições de vida.

Os trabalhadores do campo não tiveram a preocupação de dever se grupar. Qualquer que seja o ramo, o ambiente onde trabalhe o homem, há atenuantes de condições, há processos de associação; há métodos e há aspirações. Há consequências por tal forma semelhantes que permitem a individualização de imagens. Como tal é o aspecto da classe dos empregados do campo que por especificidade, por individualização, por uma série de condições permitem a essa existência de se fazer autónoma, de ser uma profissão.

O método fundamental desse plano é conferir a toda a empresa de maior número de empregados um sentido de posição no tecido de formação social. Isso concorre para despertar na inteligência de todos a alta consideração do concurso dos núcleos criadores de predestino de serviços técnicos. Todos adquirem o sentido de solidariedade, de dever, no grande complexo da organização político-social.

Ora meus senhores, este aspecto primordial da formação sindical que confere posição, valor, eficácia, estima a todos os trabalhadores, a todos esses mistérios por lógicas conclusões. Atribuimos a essas forças um direito de interferência no destino da sociedade.

Toda a reforma de processo e formação de riquezas dos trabalhadores representados por seus órgãos de classe revela ao governo o sentido das aspirações humanas. Isso prova que se vem formando elites concientes.

É preciso que o governo repouse na atuação de elites sindicais concientes. Elites que acompanham o desenvolvimento das realizações práticas e que procurem compreender o alto devotamento do poder público que se apoia na orientação e autoridade do senhor presidente da República.

Este novo processo que acabo de expor, dados sólidos do nosso regime, é a mais alta e legítima posição, de todas as justas reivindicações que encontram abrigo nesse regime sanitário que permite evidenciar as justas aspirações dos trabalhadores.

Mas, sobre todas as interpretações pessoais permiti que vos diga, sobre todo este mecanismo, sobre todos esses processos de representação profissional, se nos não procurarmos lutar por um ideal mais alto senão o de formar elites ou uma



AÇUCAR REFINADO
«CATENDE»

O preferido por ser
o MELHOR

EXIJAM ESTA MARCA E
SERÃO BEM SERVIDOS

EMPACOTAMENTO:

Rua do Apolo, 107

FONE, 9596

RECIFE

burocracia sindical, todo o nosso esforço será vão. Todo o nosso esforço de longos anos decorrerá inútil e teremos todos concorrido, trabalhado para a desorganização social do Estado Novo brasileiro.

A solidariedade das profissões deve ser a luz inspiradora de todas as nossas construções sindicais. Sobre a solidariedade devemos inscrever um pensamento. É que não é possível nêsse Brasil admirável, a existência de um clima próprio à cultura e expressão de todas as sociedades sindicais si não houver ambiente. Este ambiente repousa sobre a evocação da nossa alta e primorosa tradição. O próprio ambiente da formação política é o sentido de um clima ótimo em que se realizem todos os valores individuais, orgânicos e sociais. Este ambiente, no melhor conceito do Estado, é aquê de preservação da disciplina jurídica entre todos os interesses secundários e os interesses nacionais.

Estes devem ser a preponderância porque deve prevalecer em nosso pensamento mais alto da realidade nacional. Esta realidade, o grande conforto dos nossos dias atuais é a aspiração mais lícita das perspectivas futuras. Toda a humanidade haverá de reconhecer que a harmonia que preserva e remoça o Brasil é o fruto das suas tradições de bondade e de justiça. Que êsses sentimentos devem ser cada vez mais estimulado e diariamente consagrados para plenitude criadora dos nossos dias futuros.

Sobre todos os interesses de classe, de grupos, ou de pessoas devemos conservar bem alto o pensamento de que "O Brasil caminha".

Este pensamento é que permite as realizações belas, o brilho dessa assembléa. É por êste sentido orgânico da Pá-

tria que se deve estruturar toda a nossa formação sindical. Não é possível falar, discorrer, cuidar, sem fronteiras, sem limites, sem ambiente, sem clima, sem calor, sem oxigênio vivificador, das necessidades, dos sonhos, das esperanças que provam o espírito e o coração.

...Essa esperança que anima esta assembléa para a qual concorreram esforços, sacrifícios desconhecidos, visando a realidade mais objetiva — o pensamento sindical.

Quando não prevalece o regime do país, quando não representa o govêrno a autoridade como princípio intrínseco ordem e harmonia coletivas, prevalecerão outras aspirações que facilmente atentarão contra os ideais do bem comum, para impôr a tirania dos interesses subalternos.

Antes que os espesinhadores de todos os valores, das construções mais altas, dos mais fortes ideais, dominados pelo interesse econômico conseguissem transpor as nossas fronteiras para impôr a tirania cega da prepotência econômica, surgiu no cenário brasileiro o vulto verdadeiro patrióta e orientador, o presidente Getúlio Vargas.

Nós, que temos a felicidade de viver numa Pátria que recolhêra no sólo sagrado os mais significativos motivos para animarem os nossos sonhos e que torne bem expressiva que a nossa vida não seja uma quotidiana banalidade, mas que essa vida seja de nobres perspectivas.

Urge possamos deixar para os nossos vindouros uma performance de brasileiros valorosos e cristãos.

Eis o pensamento que deve presidir a formação sindical. O pensamento nacional, o pensamento de grandeza do Brasil.

(Conforme notas taquigrafadas)

SABA' aconselhado pelos nomes de maior evidência em a nossa classe médica

Declaro que uso e prescrevo a Agua de Sabá, atentos o seu sabor e a sua utilidade terapeutica
Geraldo de Andrade

Na serie de depoimentos de figuras da maior expressão em a nossa classe médica sobre as altas qualidades medicinais da AGUA MINERAL de SABÁ, e publicadas pelo "Diário da Manhã", do Recife, inclui-se o dr. Geraldo de Andrade, nome dos mais brilhantes da medicina pernambucana, prof. da Faculdade de Medicina e médico dos mais acientados.

Procurado pelo reporter daquele jornal, o dr. Geraldo de Andrade prontamente aquiesceu em dar-

lhe as declarações que tambem publicamos em facsimile, e que constituem mais um documento de valor sobre aquele produto pernambucano.

São as seguintes as palavras do dr. Geraldo de Andrade:

"Declaro que uso e prescrevo a Agua de Sabá, atentos o seu sabor e a sua utilidade terapeutica.

Dr. Geraldo de Andrade".

A COMPANHIA DE TECIDOS PAULISTA E OS SEUS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

COOPERANDO COM OS DIREITOS DO ESTADO NOVO A EMPRESA HÁ REALIZADO MEDIDAS DE GRANDE ALCANCE NA PROTEÇÃO AO TRABALHADOR

A Companhia de Tecidos Paulista, que é o ambiente industrial mais amplo do Norte do país, foi fundada em 1892.

Esse estabelecimento fabril, que honra o progresso da indústria brasileira, possui as mais modernas instalações, dispondo das melhores estamparias que existem na América do Sul.

A côr fixa dos seus tecidos é a prova da superioridade das instalações técnicas da Companhia de Tecidos Paulista.

Trabalham nêsse adeantado parque industrial do Estado, além de outros, mais de 8.000 operários, que se ocupam exclusivamente na fabricação de tecidos.

OS SERVIÇOS DE PROTEÇÃO AO OPERARIADO

Cooperando com as diretrizes do Estado Novo, a Companhia de Tecidos Paulista mantém um completo serviço de assistência social, pugnando sempre pelo bem estar de seus operários e cooperadores.

Assistência social prestada em todos os seus detalhes aos trabalhadores, nada faltando aos que mourejam naquêlo progressista centro industrial.

Os operários têm assistência médica gratuita, serviço completo de enfermaria e farmácia.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

Dirige os serviços de assistência médica o notável cirurgião pernambucano professor Fonseca Lima, que é auxiliado por oito clínicos de especialidades diferentes.

Não só o operário, como a sua família, goza do direito dessa assistência médica, existindo uma clínica especializada de pediatria para atender aos filhos do trabalhador.

O corpo clínico dêsse serviço está assim constituído: — direção, clínica, médica e cirurgia, professor Fonseca Lima; clínica de partos, dr. Argemiro Costa; clínica de profilaxia da tuberculose, dr. Agenor Bomfim; clínica de olhos, dr. José

Romangueira; clínica médica auxiliar, dr. Democrito Lafayette; clínica de garganta, nariz e ouvidos, dr. Hilario Gurgel; clínica neurológica, dr. Ladislau Porto; Raios X, dr. Paulo Campos.

ASSISTÊNCIA RELIGIOSA AOS OPERÁRIOS

Não é somente a assistência médica. Os operários de Paulista têm também assistência religiosa, mantendo a Companhia um capelão, que há realizado um belo trabalho em prol da religião católica naquêlo grande centro trabalhista.

Ultimamente a Companhia edificou confortável prédio para sede da associação religiosa "Juventude Católica" despendendo, mais de 50 contos de réis.

PREVIDÊNCIA SOCIAL

O serviço de previdência social ao trabalhador é rigorosamente feito, pagando a Companhia, mensalmente, dêsse serviço, ao Instituto dos Industriários, uma quota superior a 60 contos de réis, sendo assim, a segunda maior contribuinte dêsse Instituto no Brasil.

DIVERSÕES GRATUITAS AOS TRABALHADORES

A Companhia Paulista proporciona toda a sorte de diversões aos seus trabalhadores, mantendo cinema gratuito, dez clubes esportivos para a educação física da mocidade, banda de música, associações dansantes e carnavalescas, fornecendo tudo gratuitamente, a tais associações.

"Pic-nics", absolutamente gratuitos são proporcionados aos operários realizando-se, aos domingos, passeios e banhos de mar nas praias da Conceição, Maria Farinha e Rio Dôce. A Companhia mantém, para isso um serviço especial de transportes em autos e auto-omnibus.

A Companhia de Tecidos Paulista, está executando no momento, um grande plano de reconstrução e ampliação em sua vila operária, que dispõe de cinco mil casas.

Está construindo à margem da estrada que liga esta capital à Paraíba, dezenas de casas modernas e higiênicas, dando assim, a Paulista um aspecto de cidade bonita e florescente.

("Folha da Manhã", 19—10—1940)

PNEUS "BRASIL"

100% NACIONAL

Os mais baratos Confortáveis
Dando maior quilometragem
Garantido por qualquer defeito de fabricação

" S E G U R A N Ç A "

NOVO PNEU "BRASIL"

Construído sobre novos princípios de segurança. Maior. Corre mais refrescado, porque seus expulsões de calor patentados (que não os tem nenhum outro pneu nacional) expellem o ar quente das lonas, causa de ruptura e esturos nos longos percursos NOVA BANDA DE RODAGEM: — Serrilhada, mais reforçada 17,4% e com sulcos mas profundos proporcionando um considerável aumento de quilometragem ante-derrapante

FAIXA BRANCA: — De ambos os lados
Agentes distribuidores

JOSÉ T. DE MOURA & CIA.

PERNAMBUCO e PARAIBA

BRINS DE CAROÁ

O Cotonificio Othon Bezerra de Mello S/A acaba de lançar á venda os seus maravilhosos brins de caroá, mercerizados e sem qualquer pêlo

A melhor e a mais perfeita imitação dos conhecidos brins de linho Irlandês.

Procurem conhecer hoje mesmo os excelentes

Brins de Caroá

Marca

OTHON

UM PERFIL DO MARQUÊS DE POMBAL

(Conclusão)

NILO PEREIRA

quando isto convinha ao seu personalismo político, preferindo, porém, para a sua defesa militar os oficiais do exército alemão... Depois de todas essas aventuras, o tesouro português estava esgotado, mas o reinado de D. José era felicíssimo...

Na administração e na economia interna e externa de Portugal uma coisa há a salientar: Pombal desenvolvia um esforço imenso, trabalhava noite e dia para evitar a derrocada, mas o seu feroz individualismo político colocava a sua pessoa acima da nação. De modo que as suas realizações são até certo ponto precárias quando consideramos que êle tinha até certo ponto precárias quando consideramos que êle tinha em vista o seu nome pessoal e a glória do seu cabotinismo de reformador. A prova é que D. José entregou a D. Maria I um reino pesado de dívidas, desgostado e enfraquecido, sacudido por um mal-estar tremendo que logo rebentou depois do afastamento do ministro otogenário. Pombal passa, então, a responder por numerosos processos. Nessa situação de culpabilidade, alvo das mais diversas incriminações, enxotado pela opinião pública, exilado do povo, já não quer para si as glórias e as honrarias do felicíssimo reinado; foi apenas o instrumento fiel da vontade do rei falecido... A culpa, por conseguinte, cabe inteira áquele a quem serviu... Essa covardia do marquês deante do povo que o chamava às contas, me parece a página mais escura da sua vida.

O visconde de Carnaxide situou o marquês na sua legítima posição histórica: lutando por uma política racionalista e individualista, em choque violento com as tradições da cultura e da experiência portuguesa, o ministro de D. José lutava contra a própria consciência nacional.

Nesse drama envolveu a nação e sacrificou o seu espírito político para nos deixar apenas um retrato acabado do despotismo esclarecido.

MERIDIONAL

Companhia de Seguros de Acidentes do Trabalho

Capital Subscrito 1.000.000\$000

Capital Realizado 500.000\$000

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 85 — 3.º ANDAR

RIO DE JANEIRO

DIRETORIA :

Oscar Erardo — João Carlos Machado — Francisco Campos — Frederico Dahne — João Cleofas

Agentes em Pernambuco :

OSCAR & CIA.

RUA VIGARIO TENORIO, 33

FONE : 9424

Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigario Tenorio, 95

Caixa Postal, 211

Telefone 9076

RECIFE

PERNAMBUCO

INSTITUTO DO CAFÉ EM PERNAMBUCO

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.

RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a juros baixos e longo prazo
Promove para seus associados a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUÊS DE OLINDA N.º 35

1.º ANDAR

RECIFE — PERNAMBUCO

CERAMICA S. JOÃO DA VARZEA

— DE —

R. L. DE ALMEIDA BRENNAND & IRMÃOS

A maior fábrica existente no Norte do País — Únicos fabricantes de TELHAS FRANCESAS resistentes e uniformes em cor e feitura TIJOLOS REFRATÁRIOS em todos tipos e feitura, para Usinas de açúcar, fornos de fundição, Gazogênios, Caldeiras etc. mediante plantas ou moldes. TIJOLOS FURADOS — Os mais leves e resistentes possíveis.

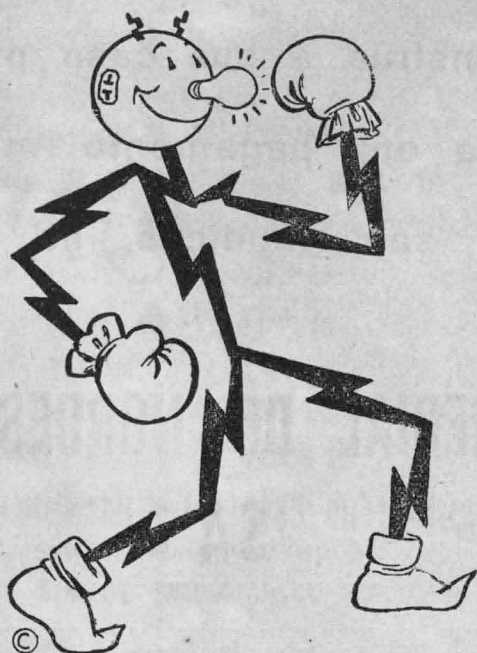
OS SEUS PRODUTOS SÃO GARANTIDOS EM 30 ANOS
LE VENDA NESTE ESTADO E OUTROS LIMITROFES

Escritório :

RUA DO APOLO, 234 - 1.º andar

FCNE, 9344 — CAIXA POSTAL, 231 — Recife - Pernambuco

A Ç A F R I N A**O MELHOR CÓRANTE VEGETAL**



MENS SANA IN CORPORE SANO!

— A Companhia que represento, assim me quer e assim me tem: de alma sã num corpo sã!

— Sou, effectivamente, de physico resistente, para fazer face aos meus compromissos e, de alma sã, para proceder correctamente entre os meus numerosos clientes, — diz o Snr. Kilowatt, seu criado electrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER C.º Ltd.

Rua 1.º de Março, 106 - Fone 6723. Recife

AGÊNCIA RENNER

(CASA DAS CONFECÇÕES FINAS)

Roupas prontas de qualidade, castemiras e linho desde o popular paletó sacco ao elegante smoking

RUA DUQUE DE CAXIAS N.º 281

RECIFE

O FUNDAMENTO TEÓRICO DO SERVIÇO SOCIAL

ANTONIO BEZERRA BALTAR

Este fáto, de modo algum aponta um defeito de método — o que se prova pela consideração de que, os desajustamentos referidos se distribuem em torno de um caso ideal de equilíbrio, de tal maneira a ser possível encontrar dentro do mesmo grupo, mediante uma redistribuição de valores a perfeita adequação das soluções aos casos individuais. Efectivamente se os valores contidos no grupo são $A B C \dots N$ em ordem crescente ou decrescente, sendo $a, b, c \dots n$ os valores desejáveis para a solução de cada caso; e G é o valor escolhido como padrão ao qual a solução encontrada g , está perfeitamente adequada, as diferenças

$n - g \dots$ de outro

$i - g$

$h - g$

$c - g \dots$ de um lado e

$b - g$,

$a - g$,

têm sentidos contrários de forma que, si G e g são realmente os centros de gravidade dos grupos dados, êlas se equilibram mutuamente em seu conjunto.

Na aplicação da solução encontrada — fase esta alheia e posterior ao trabalho estatístico, seria possível por consequente, em contacto com os individuos componentes do grupo encontrar na soma do conjunto homogêneo de valores iguais a g (solução estatística) uma "quantidade" capaz de atender ás necessidades $a b c \dots n$ diferentes entre si e características da solução desejável para cada indivíduo do grupo, considerado isoladamente.

Se na prática dos fatos sociais esta redistribuição não se efetua, convenhamos que nenhuma culpa deve ser apontada ao método estatístico porque — repetamos — a aplicação das soluções é uma fase alheia e posterior ao trabalho estatístico propriamente dito.

Um exemplo concreto é formulado em seguida com dados extremamente simples para esclarecer o raciocínio anterior.

Suponhamos — despido de toda a sua complexa realidade — que se está atacando o problema de determinar o valor de uma pensão de invalidez para um dado tipo de trabalhador.

Admitamos que efetuado um recenseamento a massa foi distribuída em classes cujas necessidades economicas variassem de cinquenta mil réis mensais. Posto isto, no grupo caracterizado pelo valor tresentos mil réis (300\$000) mensais ficariam reunidos todos os individuos cujos orçamentos familiares estivessem compreendidos entre 275\$000 e 325\$000, (em linguagem estatística 300\$000 seria o argumento central, sendo 50\$000 intervalo de classe).

Suponhamos que, efetuados os calculos necessarios se conseguisse fixar (hipótese improvável na prática) a pensão de invalidez no proprio valor da necessidade econômica padrão do grupo, ou seja que se determinasse a pensão de 300\$000 para o grupo exemplificado. A pensão fixada excederia como é claro ás necessidades de uma parte do grupo, enquanto seria insufficiente as necessidades para outra parte.

Si a distribuição dos individuos fosse simétrica em relação ao argumento central do grupo, os excessos e as insufficiências, importâncias apontadas, montariam a equivalentes qualquer que fôsse o número de individuos, o mesmo se dando numa distribuição irregular si se escolhe um promédio conveniente.

Si os componentes do grupo, estivessem pois ligados, por uma solidariedade perfeita, eles poderiam compensar aqueles desajustamentos, contando apenas para isso com os recursos encaminhados ao grupo, isto é com o montante de todas as pensões de 300\$000 destinadas ao mesmo, efetuando-se simples trocas individuais entre aqueles para os quais este valor é excessivo e os demais cujas necessidades são superiores ao padrão.

Evidentemente a estatística lava as mãos se isto não se dá.

Continúa no proximo número.

UMA TENDÊNCIA AO IDEALISMO POLÍTICO

(Conclusão)

CLEODON FONSECA

lização) fica sendo exclusivamente arte, com aquela necessidade da concepção dostoiéwskiana. Aquêles que fazem da obra artística um veículo de propaganda estão destinados ao esquecimento, porque serviram a necessidade de caráter histórico-temporal de vida efêmera. Pois, desaparecendo o motivo de uma idéia, verificando-se a mudança em um meio social, onde o valor daquêle que serviu a situações políticas, a cultos ideológicos?

Mas aquêle que se debruça sobre a alma humana, fonte inesgotável de motivos, a qual realiza, sem fronteiras, uma eternidade, aquêle que sonda os subterrâneos do espírito, servindo ao ideal artístico, pela sua potencialidade criadora, está destinado a permanecer porque serviu à própria causa da vida. Exemplo: o romance psicológico dostoiéwskiano que se aprimorou no expressivo drama interior do inesquecível Raskolnikoff.

Portanto, cabe a Erico Veríssimo uma reabilitação no romance. Reabilitação no sentido artístico, no sentido literário. É verdade que compreendemos o seu idealismo. É inofensivo, tem boa intenção e nada mais. Mas preciso servir à causa da inteligência nacional, como serviu com uma obra do feitio de UM LUGAR AO SOL, a sua maior contribuição artística. Artística e humana, e, si me permitem usar de um lugar-comum, grande livro em uma hora de decadência..

MANOILESCO

(Conclusão)

JORGE ARANTES

um direito inalienável, inerente à pessoa humana; a projeção do homem no espaço, como a família o é no tempo; a delimitação individual desse domínio genérico da humanidade sobre os demais seres da criação, segundo a hierarquia natural do universo; um meio de aperfeiçoamento material, cultural e espiritual do homem. Simplesmente, não está ela mais em função do egoísmo individualista, que dela faz um método de exploração do homem pelo homem, estabelecendo um profundo desequilíbrio de classes e até de nações...

Tem uma função social, porque o sujeito de direito de que é ela objeto é o "animal social" de Aristóteles. O Estado Moderno vela pela equitativa distribuição da propriedade e pela sua útil aplicação social, porque não confia no "homem bom" da concepção de Rousseau, como fazia o Estado liberal, que Miguel Reale comparou a essas balanças de porta de farmácia, que só se manifestam quando provocada pelo níquelzinho... (6)

BIBLIOGRAFIA

- (1) e (6) — Cotrim Neto — "Doutrina e Formação do Corporativismo".
 (2) — Minhall Manoilescu — "Le Siècle du Corporatisme"
 (3), (4) e (5) — Johannes Hæssle — "Le Travail".

Construa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE
SA

LOPES ARAUJO & CIA.

Estivas em grosso

Comissões e
 Consignação

End. Teleg. **Chechéo**

Rua do Livramento, 110

RECIFE - PERNAMBUCO

MANTEIGA

PEIXE

É a rainha das manteigas.
 Usá-la é preferi-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

Assombroso!

Assombroso, é o adjetivo que nos surge á mente para exprimirmos a admiração com que vimos, á semana finda, as obras da *Ferrovia Santa Terezinha - Palmares*. Obra de gigantes! A linha ferrea já atinge o *Engenho Parnaso* e as escavações, aterros e serviços de alvenaria já alcançam esta Cidade. Viajamos de auto de linha, pela nova linha ferrea, dentro da mata virgem, do *Engenho Gabinete*, a *Bom Conselho*. Aterros formidolosos, ligando u'a montanha a outra! Cortes tão altos que mais parecem arranha-céus!

Tudo isto dentro da mata escura, carinhosamente conservada á margem da linha, onde somente o canto da passarada e os silvos das locomotivas quebram o silêncio sepulcral!

Tem-se a impressão das grandes obras com que o Govêrno Federal levou a efeito a *Ferrovia Madeira Marmoré!* Robles seculares avultam pela mata a dentro. E fios d'agua serpenteiam caindo aqui e ali em pequenina cascatas! Coisa magnifica e digna de ser vista por todos os que se interessam pelos nossos grandes destinos! A *Estrada de Ferro Palmares Santa Terezinha* faz-nos confiar no futuro do Brasil.

A tenacidade com que os diretores da "Usina Santa Terezinha S. A." se atiraram áquele empreendimento provoca os aplausos dos observadores mais frios. Desperta o entusiasmo do visitante mais cético.

Trabalho de Hercules! Pontes, tuneis, obras grandiosas! E a locomotiva fumegante, a sulcar motanhas, a galgar altitudes respeitaveis, a desbravar novas zonas, a cortar o verdume dos vales e a magestade dos rios! Para dizer-se da grandeza das obras basta adiantar-se que atingirão elas um dispendio de cerca de 4 mil contos de réis num percurso apenas de 22 kilometros de linha ferrea!

No proximo ano estará feita a ligação com Palmares. E a nossa Cidade ficará em contacto directo com a rica zona do Norte de Alagôas e com todo o fabuloso vale dos rios Jacuípe e Manguaba, zona que pela sua fertilidade magnifica se asemelha á Canaan da Biblia transportada para as plagas brasileiras! Quem conheceu as terras onde é hoje situada a *Usina Santa Terezinha*, como conhecemos; terras abandonadas, sem estradas, sem produção, sem nada que constituísse estímulo para o trabalho; terras bravias onde o amarelão dominava, dizimando uma população miserável; onde o caboclo nordestino, forte como o pau-ferro, morria á mingua de recursos no seu mocambo de palha, tapado de barro á semelhança de cubate africana; onde a criança barriguda, suja e esfomiada, era devorada ao alvorecer da vida pelas verminoses e por molestias endemicas; onde propriedades enormes se vendiam quasi de graça porque não havia o estímulo para a vida; onde se ateava fogo a grandes areas de mata-virgem para o plantio de lavouras improdutivas; e hoje testemunha o deslumbrante espetáculo que nos proporciona a *Usina Santa Terezinha*, é levado naturalmente a repetir conosco ante a magestade daquela grandeza: Assombroso!

"A NOTICIA"

Palmares, 5-10-1940

Compra Tadeu Rocha
30/8/79

GRANDES FABRICAS "PEIXE"

PESQUEIRA
BEZERROS
AREIAS
RECIFE

Filiais em SÃO PAULO E RIO

FABRICANTES DA GOIABADA MARCA
"PEIXE"

DETENTORA DESDE DE 1897, DO PRIMADO DA QUALIDADE,
E DO EXTRATO DE TOMATE MARCA "PEIXE"

SUPERIOR AOS SIMILARES ESTRANGEIROS, O MAIS BARATO E O MAIS
ECONOMICO. OS PRODUTOS PEIXE SÃO DE ABSOLUTA CONFIANÇA
EXIJAM-NO DO SEU FORNECEDOR.

Á VENDA EM TODAS AS BÔAS
MERCEARIAS

Carlos de Britto & Cia.

ESCRITORIO CENTRAL -- AVENIDA CLETO CAMPELO 532 á 560

RECIFE



PERNAMBUCO



MADONA, pintura de Margaritone d'Arezzo (XIII.^o século). Margaritone foi um dos precursores da Escola Italiana do "trecento", todavia sua pintura se ressentia da influência da poderosa Escola de Bizâncio.